



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA DAYANNY GONÇALVES**

**O SEXISMO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

MARIA DAYANNY GONÇALVES

**O SEXISMO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Kássia Mota de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

G635s Gonçalves, Maria Dayanny.  
O sexismo nas relações de gênero no ambiente escolar / Maria  
Dayanny Gonçalves. - Cajazeiras, 2019.  
82f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2019.

1. Educação sexista. 2. Sexismo. 3. Relações de gênero. 4. Escola –  
relação meninos e meninas. I. Sousa, Kássia Mota de. II. Universidade  
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.  
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37:613.88

MARIA DAYANNY GONCALVES

**O SEXISMO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 20/11/2019

**BANCA EXAMINADORA**

*Kássia Mota de Sousa*

Profª Dra. Kássia Mota de Sousa (Orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*Alexandre Martins Joca*

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (Examinador Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*Lays Regina B.M.M. dos Santos*

Profª Me. Lays Regina Batista de Macena Martins dos Santos (Examinadora Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*À minha mãe Sandra, grande incentivadora e razão da minha existência, uma mulher de coragem e muita fé, a você mãe, por todo incentivo e amor.*

*Ao meu pai Cosmo, por todo amor, carinho, respeito, paciência e principalmente pelas altas risadas após suas pertinentes brincadeiras, você é a alegria da nossa vida.*

*Às minhas irmãs e companheiras Erika Milena e Élide Daliane pelo companheirismo e amor compartilhado durante toda a minha vida.*

*À Daniela Maciel e Danielly Benicio por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado, eu amo vocês.*

*À todas as mulheres feministas que travam lutas diariamente e resistem a atos de sexismo e violência instaurada em nossa sociedade. Permitindo assim, que mais mulheres ganhem vez e voz em todos os âmbitos. Grata!*

***Dedico!***

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo dom da vida e por toda coragem e força depositada em mim durante toda minha vida, obrigado meu Deus por não me deixar desistir em momento algum e por me abençoar em todos os momentos da minha vida. Toda glória é para ti.

Aos meus pais Sandra e Cosmo e minhas irmãs Erika Milena e Élide Daliane por todo amor, incentivo, confiança e apoio recebido, durante toda minha vida, por serem minha base, meu pilar, meu tudo, garantindo assim, que eu pudesse chegar até este momento e poder realizar este sonho que é todo nosso, muito obrigado, eu devo tudo a vocês.

À Daniela Maciel esse presente de Deus com quem tenho a honra e o prazer de compartilhar inúmeros momentos. Obrigada por todo amor, carinho e cuidado que tem por mim, estando sempre do meu lado, me mostrando diariamente o quanto eu sou capaz de chegar em qualquer lugar. É Graças a você que este sonho está se tornando realidade. Amo-te!

À Danielly Benicio por todo amor, apoio, confiança, companheirismo e afeto compartilhado durante todos estes anos, obrigado por não me deixar desistir e por ter me ajudado na realização deste sonho, sem você nada disso seria possível, eu amo muito você.

À minha grande amiga Andressa Glaucyara por não soltar minha mão em momento algum, me ajudando e me incentivando em todos os momentos. Esta conquista é nossa amiga, obrigada por tudo.

À minha orientadora Kássia Mota por ter acreditado em mim e na realização deste sonho, me ajudando e me guiando neste percurso. Obrigada pelo incentivo, pelas palavras de carinho e por todo empenho na elaboração deste trabalho.

Aos docentes Alexandre Joca e Lays Regina pela gentileza de aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho.

Ao professor Valter Rodrigues pelo apoio, incentivo e por me apresentar novos horizontes, me possibilitando a escolha desta temática, no qual, serei eternamente grata.

Ao Movimento Feminista por possibilitar que cada vez mais mulheres ganhem espaço e voz em todos os âmbitos da sociedade. Resistir e lutar sempre!

À todos os meus colegas de turma pelas palavras de incentivo e ajuda, em especial ao grupo “As guaras” composto por minhas grandes amigas, Emanuela Vieira “Manu dos bois”, Gracielle Vieira “a bloqueirinha”, Gabriela Cavalcante “guará dos doces, rica” e Andressa Glaucyara “leãozinho” por todos os momentos de amor, incentivo e desespero compartilhados durante todo o curso.

À Clênia Valéria por ser deste o início incentivadora deste sonho, obrigada pela ajuda minha querida, você foi fundamental.

Aos docentes Lays Regina, Viviane Guidotti, Zildene Pereira, Aparecida Carneiro, Gerlaine Belchior, Wiama de Jesus, Belijane Marques, Herliane Miranda, Luiza de Marillac, Thais Oliveira, Danilo Cezáreo, Amiraldo, Dorgival Fernandes e Mariana Moreira por contribuírem de forma significativa na minha carreira acadêmica e por todos os ensinamentos adquiridos durante este processo de formação, sou grata a cada um de vocês.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mais especificamente, à Unidade Acadêmica de Educação (UAE) e todos os/as profissionais que acompanharam e contribuíram na minha carreira acadêmica.

À Mariana Rolim “Mari”, Eluciene Batista “Luh”, Victor e funcionários da cantina universitária, pelo apoio e incentivo durante todos os anos de universidade.

À minha prima Nádia Gonçalves, pelas palavras de carinho e pela confiança depositada em min.

Ao meu amigo Bruno Meison pela confiança e por estar sempre me ajudando e salvando diversas vezes.

Ao meu amigo Marcos Adan, pela parceria e irmandade construída no decorrer de todo o curso, sua ajuda e apoio foram significantes para concretização deste sonho. Obrigado.

À minha amiga Gilvanha Pereira “Gil beats” pelas orações e palavras de apoio.

As “tias” dona Socorro e Neuma por acreditarem em mim e me apoiarem em todos os momentos, obrigada por todas as palavras de incentivo e amor.

À Luana Maciel pela ajuda e pelo incentivo.

Aos meus tios e tias, Eliene Gonçalves “Dila”, Cristina Gonçalves, Ediglê Gonçalves “Têê”, Reginaldo Gonçalves, Elionaldo Gonçalves “Naldo”, Maria José “Mazê”, Francisca Maria, Aliny Gonçalves e a todos os meus familiares que me incentivavam e contribuíram com essa conquista.

À todos os amigos e amigas que contribuíram direta e indiretamente para conclusão deste sonho. Grata!

*O conhecimento emerge apenas através da invenção e da reinvenção, através da inquietante, impaciente, contínua e esperançosa investigação que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros.*

*Paulo Freire*



## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o sexismo nas relações de gênero no ambiente escolar e discorre sobre como as relações de gênero se constituem no ambiente escolar mediante o desenvolvimento de uma educação sexista. Tendo como objetivo geral: compreender de que forma a educação sexista se constitui nas relações de gênero no ambiente escolar. E como específicos: 1) Analisar as relações entre meninas e meninos no ambiente escolar; 2) Investigar como e de que forma a educação sexista está presente no ambiente escolar; 3) Identificar quais fatores substanciam o sexismo. Discutindo através do referencial teórico a conceitualização da palavra gênero e os estudos desenvolvidos sobre esta temática, trazendo também, um breve percurso histórico sobre as discussões sobre gênero e relações de gênero na educação, assim como, sua inclusão e o esforço para retirá-los dos documentos oficiais que regem e normatizam a educação nacional. O percurso metodológico teve como método de investigação a abordagem qualitativa e o procedimento técnico utilizado foi à etnografia, e se deu utilizando como instrumentos de coleta de dados: diário de campo e entrevista semiestruturada e como técnica a observação. O estudo de campo foi realizado em uma escola de nível fundamental localizada na cidade de Lavras da Mangabeira – CE, na turma do 1º ano “A” do turno da tarde, que contava com um total de 23 (vinte e três) discentes, sendo 13 (treze) meninas e 10 (dez) meninos. O trabalho conclui que as experiências tidas no ambiente familiar, escolar e no meio social contribuem para reprodução de padrões de comportamentos definidas para meninas e meninos, que foram transmitidos através da cultura ao longo da história, culminando assim, na naturalização destes moldes. Tais modelos permanecem até os dias atuais constituídos em nossa cultura e são disseminados cotidianamente. Sendo reproduzidos e retroalimentados de forma natural e silenciosa na escola.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Gênero. Meninas e meninos. Sexismo. Escola.

## ABSTRACT

This research focuses on sexism in gender relations in the school environment and discusses how gender relations are constituted in the school environment through the development of sexist education. With the general objective: to understand how sexist education is constituted in gender relations in the school environment. And as specific: 1) Analyze the relationships between girls and boys in the school environment; 2) Investigate how and how sexist education is present in the school environment; 3) Identify which factors substantiate sexism. Discussing through the theoretical framework the conceptualization of the word gender and the studies developed on this theme, also bringing a brief historical background on discussions about gender and gender relations in education, as well as their inclusion and the effort to remove them from official documents governing and standardizing national education. The methodological approach had as a research method the qualitative approach and the technical procedure used was ethnography, and it was used as data collection instruments: field diary and semi-structured interview and as a technique the observation. The field study was carried out at an elementary school located in Lavras da Mangabeira - CE, in the class of the first year "A" of the afternoon shift, which had a total of 23 (twenty three) students. 13 (thirteen) girls and 10 (ten) boys. The paper concludes that the experiences in the family, school and social environment contribute to the reproduction of defined behavior patterns for girls and boys, which were transmitted through culture throughout history, thus culminating in the naturalization of these patterns. Such models remain to the present day constituted in our culture and are disseminated daily. Being reproduced and fed back naturally and quietly at school.

**Keywords:** Gender Relations. Genre. Girls and boys. Sexism. School.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Desfile de profissões

64

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Espaços ocupados em sala de aula	44
Quadro 2 – Apresentação e caracterização das crianças	56
Quadro 3 – Descrição das crianças e seus artefatos	58

## LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFP	Centro de Formação de Professores
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
ESP	Escola Sem Partido
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Desporto
MESP	Movimento Escola Sem Partido
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SME	Secretaria Municipal de Educação
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Conceituando gênero .....</b>	<b>19</b>
2.1.1 Educação sexista: meninos de um lado e meninas de outro .....	22
<b>2.2 Gênero e educação .....</b>	<b>23</b>
2.2.1 A escola e as relações de gênero .....	30
2.2.2 Docência: distanciamentos e aproximações .....	32
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 Caracterização da pesquisa .....</b>	<b>35</b>
<b>3.2 <i>Locús</i> da pesquisa .....</b>	<b>38</b>
<b>3.3 Instrumentos de coleta de dados .....</b>	<b>39</b>
3.3.1 Observação .....	39
3.3.2 Entrevista .....	40
<b>3.4 Procedimentos éticos da pesquisa .....</b>	<b>41</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>4.1 Entre os muros da escola, abismos entre meninas e meninos .....</b>	<b>42</b>
<b>4.2 Sexismo no ambiente escolar: como e onde? .....</b>	<b>49</b>
<b>4.3 Artefatos infantis: o que é de meninas e o que é de meninos? .....</b>	<b>57</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de observação.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a infância, o ser humano inclina-se a pensar e se comportar de acordo com a sociedade a qual pertence, assim, os comportamentos e as formas de pensar não são inéditos e sua forma de organização vai de acordo com o que culturalmente e historicamente vêm sendo utilizado (MORENO, 1999). Na educação sexista esta influência pode ser observada na família antes mesmo do nascimento da criança, onde, a partir da identificação do sexo que possui, tendo como base a genitália, são atribuídos estereótipos e padrões que definem os comportamentos que esta criança deve ter e seguir. A estes padrões para mulheres/meninas e homens/meninos dá-se o nome de sexismo.

Além do ambiente familiar, a transmissão dessas normas e valores é realizada em diferentes âmbitos da sociedade, como na escola e igreja. Nestes contextos, estereótipos presentes ao longo da história são destinados e normatizados para meninas e meninos tidos como naturais, sendo “silenciosamente” reproduzidos e perpetuados pela maioria (LOURO, 2003). Tais estereótipos se caracterizam como um tipo de enquadramento ou rótulo destinados à formação de padrões para diferentes grupos, seja pela cor, raça, sexo, nacionalidade etc., os conduzindo/orientando ou impondo-os a manterem uma série de comportamentos socialmente e culturalmente construídos, tidos como naturais e/ou normais para cada grupo, causando estranhamento ao verificar algum comportamento diferente destes padrões (PASSADOR, 2015).

Nas relações de gênero (ou no gênero) esses estereótipos se apresentam em diferentes situações, entre as mais comuns estão elas: “rosa é para menina, azul é para menino”, “brincar de boneca é coisa de menina e futebol é para meninos”, “as meninas são fracas e os meninos são fortes”, dentre outros. Normalizados ao longo da história pelo estabelecimento de um padrão “heterossexual, ocidental e cristã” considerado como natural e fortificado etnocentricamente (PASSADOR, 2015). Reproduzidas cotidianamente por meio de diferentes discursos, perpetuados pela mídia, meios de comunicação, educação e linguagem que diferenciam os sujeitos.

A escola, neste montante, é responsável pela formação de crianças e jovens e abriga uma grande diversidade de sujeitos (SCOLARI, 2013). Esta instituição, primeiramente, foi desenvolvida para abrigar alguns sujeitos, essa distinção acontecia com crianças e adultos, ricos e pobres e, conseqüentemente, meninas e meninos. Neste sentido, a instituição escolar e a educação atuam como (re)produtoras de diferenças e desigualdades, constituídas

socialmente e culturalmente ao longo do tempo, onde crianças e jovens são em diversos momentos repreendidas e impedidas de manter determinado comportamento considerado impróprio para seu sexo (LOURO, 2003). Além das diferenciações para ambos, o sexo feminino é tido como secundário, o que desencadeia uma série de injustiças e desigualdades dentro e fora do ambiente escolar, sem contar com o alto índice de violência e vítimas de feminicídio.

A educação sexista está presente na instituição escolar, sendo reproduzida diariamente na prática educativa, geralmente, de forma silenciosa e quase imperceptível, através de discursos e das diferentes linguagens. Ficando por vezes difícil de percebê-la e desconstruí-la. Estes discursos e práticas que referem-se aos papéis sociais atribuídos para mulheres e homens, apesar de não estarem explicitamente contidos em documentos e normas que regem a escola, ganham força e destaque em discursos oficiais de alguns líderes políticos que acabam legitimando tais práticas, como no caso da então Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, a pastora evangélica Damares Regina Alves<sup>1</sup> que, em seus discursos, relata haver uma doutrinação ideológica dentro da escola, acusando seus membros de serem a favor de uma suposta “ideologia de gênero”. Diante disso, esta discussão ganha um caráter eminentemente político.

Atualmente, existem diversas discussões sobre a chamada “ideologia de gênero”, tendo como grande parte dos seus contrários a bancada cristã, evangélicos e “[...] organizações conservadoras/reacionárias que defendem o que chamam de família e costumes tradicionais, unidas em divulgar e disseminar informações distorcidas para impedir que se alcance a equidade entre os gêneros e o respeito à diversidade sexual” (REIS e EGGERT, 2017, p. 18). Tendo como base o sexo biológico, cujos padrões voltados para cada sexo determinam a identidade que cada sujeito deve moldar-se, ignorando assim, a construção da identidade de gênero e sexual pelos sujeitos.

Diante disso, é perceptível que, ao longo dos anos até a contemporaneidade, a educação sexista vem sendo reproduzida diariamente e pouco ou quase nada se tem feito para compreender e desconstruir estes padrões de conduta, impedindo assim, várias crianças de construir sua identidade e influenciando diretamente nas suas relações. Sendo assim, mediante a formação recebida para futuros profissionais da educação e no intuito de compreender como o sexismo está presente no ambiente escolar, a presente pesquisa tem

---

<sup>1</sup> Atual ministra da Mulher, da Família e Direitos Humanos no atual governo Jair Bolsonaro.



como tema as relações de gênero no contexto escolar, sendo intitulada como “o sexismo nas relações de gênero no ambiente escolar”.

Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo geral, compreender de que forma a educação sexista se constitui nas relações de gênero no ambiente escolar. E como objetivos específicos:

- ✓ Analisar as relações entre meninas e meninos no ambiente escolar;
- ✓ Investigar como e de que forma a educação sexista está presente no ambiente escolar;
- ✓ Identificar quais fatores substanciam o sexismo.

Dentre os diversos motivos para realizar esta pesquisa, destaco como origem de estudo as vivências no ambiente familiar e escolar, cuja educação sexista esteve reproduzida constantemente através de inúmeros discursos e práticas, tendo como base os papéis socialmente e culturalmente construídos para meninas e meninos. Questões iguais a estas sempre despertaram interesse e curiosidade, intensificando-se ainda mais, ao ser graduanda do curso de Pedagogia, no qual, através dos estágios, pude observar ainda no ambiente escolar, diversas crianças sendo excluídas de brincadeiras, jogos e sendo tratadas com diferenciações apenas por serem menina ou menino, bem como, sendo vigiadas e condicionadas a seguir padrões sociais voltados para meninas e meninos, considerados até então como naturais e normais.

Diante disso, considerando as situações vivenciadas até o presente momento, reconhecendo o papel do docente e o caráter político da educação como determinante na mediação para desconstrução e construção de conhecimento, além de proporcionar estímulos para o desenvolvimento de crianças e jovens, torna-se imprescindível o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista a relevância de tais questões na escola, uma vez que contamos com uma grande diversidade de crianças dentro deste ambiente, cuja educação realizada a partir da reprodução de estereótipos afetam as relações e tendem a excluir e discriminar muitas crianças.

Neste sentido, objetivando conceituar e nortear tudo que foi abordado durante o desenvolvimento da pesquisa, o referencial teórico foi dividido em dois tópicos, no qual discutimos sobre a conceitualização da palavra gênero e os estudos desenvolvidos sobre esta temática, trazendo também, um breve percurso histórico sobre as discussões de gênero e das relações de gênero na educação, assim como, sua inclusão e o esforço para retirá-los dos documentos oficiais que regem e normatizam a educação nacional.

O primeiro tópico intitulado como “Conceituando gênero” discute as origens das discussões em torno deste termo, utilizando como fundamentação obras de autores/as como: Araújo; Bezerra; Ferreira (2017), Cancianni e Canabarro (2016), Louro (2003), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), Joca (2008) e Torrão Filho (2005).

O segundo tópico nomeado como “Gênero e educação” trata de como as discussões sobre gênero e as relações de gênero estiveram e estão presentes em documentos que regem a educação nacional, utilizando obras de autores/as como: Cardoso (2018), Vianna e Unbehaum (2004), Reis e Eggert (2017), Marola (2018), Sousa Junior (2018), dentre outros.

O percurso metodológico teve como método de investigação a abordagem qualitativa e o procedimento técnico utilizado foi à etnografia, tendo como instrumentos de coleta de dados: diário de campo e entrevista semiestruturada e como técnica a observação. Para tanto, utilizamos como fundamentação, obra de autores como: André (2009), Bordan e Biklen (1982), Demo (1985), Lüdke e André (1986) e Delgado e Müller (2008).

O estudo de campo foi realizado em uma escola de nível fundamental localizada na cidade de Lavras da Mangabeira – CE, na turma do 1º ano “A” do turno da tarde, que contava com um total de 23 (vinte e três) discentes, sendo 13 (treze) meninas e 10 (dez) meninos, se estendendo por todas as delimitações do espaço escolar. Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a docente responsável pela turma.

Mediante o exposto, esta pesquisa faz-se relevante por possibilitar a futuros/as educadores/as, profissionais da educação, membros das famílias e responsáveis pelos/as educandos/as a possibilidade de compreender o sexismo e como este está presente no ambiente escolar, visando, posteriormente, a construção de estratégias para desconstrução de padrões sociais, a fim de promover a igualdade nas relações de gênero, diminuir o preconceito e a violência, trazendo benefícios para a sociedade no geral. Além disso, poderá agregar novos conhecimentos a temática em questão, podendo ser utilizado em novas pesquisas.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 2.1 Conceituando gênero

Devido ao complexo cenário político, cultural e educacional, no qual estamos inseridos, as relações de gênero se apresentam como desiguais e relacionadas a status de poder que diferencia mulheres e homens. Falar sobre gênero se tornou fundamental e indispensável no contexto escolar, um destes motivos se perpetua pela diferenciação entre os gêneros nos processos de ensino e na prática educativa, baseadas no sexo biológico, sendo seguidos por diversas imposições e estereótipos. Para tanto, é necessário compreendermos inicialmente as características e princípios que designam o uso deste termo.

O termo gênero possui uma complexidade quanto a sua conceitualização e durante muito tempo era voltado especificamente aos aspectos biológicos, assim, dependendo do seu órgão genital caracterizavam-se homens e mulheres, sendo tidos como naturais e imutáveis pela ciência/biologia, consistindo assim, em uma “verdade” absoluta. De acordo com Torrão Filho (2005, p. 129) “[...] o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social”. Em outras palavras, gênero foi construído para justificar os papéis impostos para mulheres e homens, que anteriormente eram impostas pelas suas características biológicas.

Neste sentido, Joca (2008, p. 48 apud SCOTT, 1995 p. 75), afirma que

O termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é segundo essa definição uma categoria imposta sobre o corpo sexuado.

Assim, gênero é considerado como uma categoria construída socialmente, que determina papéis sociais para homens e mulheres, impondo-o uma série de características e ações que necessariamente cada um deve seguir, contribuindo para formação de uma identidade feminina e masculina.

Nesta perspectiva, Torrão Filho (2015) traz que “[...] Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade” (p. 139). Esta vigilância é explícita em algumas instituições como a família, escola e igreja, cujas normas ditam os comportamentos

que cada gênero deve ter, justificando a diferenciação dos tratamentos em aspectos biológicos.

Desde cedo, meninas e meninos são vigiados e “obrigados” na grande maioria a brincarem com brinquedos e brincadeiras destinadas ao seu gênero, bem como, as vestimentas e os modos de agir. Ao demonstrar algum tipo de resistência ou “desvio” de comportamento é repreendido, de forma a voltar a realizar os padrões do seu determinado gênero.

Estas diferenciações e papéis destinados a cada gênero é constituído por uma série de relações de poder, que estão constituídas antes mesmo da construção deste termo. A hierarquia do gênero masculino sobre o feminino é explícito, e vem se legitimando ao longo da história, mediante a valorização e esforço para manter tal superioridade. Em suma, não há como se remeter ao gênero sem reconhecer suas ligações com as relações de poder e ignorando todo histórico e contexto que caracterizam estas relações.

A divisão entre o masculino e o feminino desenvolve e propaga uma série de desigualdades que são reproduzidas nos diversos âmbitos: socioculturais, políticos, econômico e educacionais, na qual a mulher é tida como sexo inferior e o homem é remetido com uma posição superior (LOURO, 2003). Esta divisão vem sendo reproduzida ao longo dos anos pelo patriarcado, destinando mulheres a viverem sob pressões e ordens dos homens, as condicionando a viverem voltadas para os serviços domésticos, reprodução e criação dos filhos.

Apesar de algumas conquistas obtidas a partir do movimento feminista e de outros seguimentos, como a entrada da mulher no mundo do trabalho e na política, como também, o sufrágio, dando a mulher participação e poder do voto, ainda hoje, é comum e perceptível esta diferença/divisão, como no mundo do trabalho, onde a mulher ganha menos que o homem, na política ocupada na maioria dos seus cargos por homens entre outros. Em resumo, além das conquistas “[...] Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligado à assistência, ao cuidado ou à educação” (LOURO, 2003, p. 17). Evidenciando assim que, mesmo com todas essas conquistas, existe ainda, um caminho longo em busca da igualdade de gênero para ser trilhado, fortalecendo portanto, a necessidade da discussões e estudos sobre a temática. De acordo com (JOCA, 2008), estes papéis sociais são classificados como masculino ou feminino e se constituem no

[...] processo de nomear o corpo definindo a identidade de gênero e a identidade sexual dar-se-à respaldando na genitária, condicionando a sexualidade apenas ao determinismo biológico, físico, ignorando um aspecto plural e diverso da constituição das identidades sexuais de gênero dos sujeitos. (IDEM, 2008, p. 51).

Portanto, neste processo acaba-se ignorando toda pluralidade, complexidade e transformação da identidade dos sujeitos, impondo-os assim a constituir e habilitar-se destes preceitos que homens e mulheres devem ter, justificando e naturalizando os comportamentos de acordo com a genitália que cada um possui.

Nestas discussões, (LOURO, 2003, p. 25) afirma que “[...] o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o”. Assim, gênero não está só diretamente ligado à imposição de papéis sociais para mulheres e homens, e sim, na sua própria constituição, se remetendo ainda as características sexuais.

A sexualidade assim como o gênero substancia a construção da identidade, nesta perspectiva, (LOURO, 2003, p. 26-27) traz que

[...] os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos [...] Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. [...] Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc).

Desse modo, assim como a identidade de gênero, a sexualidade também é construída e pode ser reconstruída a partir de como ela é exercida por cada sujeito. Considerando tudo que foi exposto, (LOURO, 2003, p. 20) destaca ainda que

[...] É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Firmando assim que, estas características e papéis propriamente como construções sociais, que ganham ênfase a partir da concepção e da significação que são diariamente proferidas e adotadas. Assim, a reprodução destas concepções acabam ganhando corpo e sendo legitimadas através das ações e discursos desenvolvidas diariamente.

### 2.1.1 Educação sexista: meninos de um lado e meninas de outro

Desde muito cedo, muito antes do nascimento do bebê é gerado pelos pais e familiares uma expectativa em saber qual será o sexo biológico da criança. Após a confirmação do médico, são realizados pela família representações culturais que normatizam através de comportamentos e modos o que deve ser relacionado a cada sexo, entre eles estão, as vestimentas, a cor do quarto do bebê e os brinquedos, se for menina, geralmente é utilizado a predominância da cor rosa e o menino na cor azul (CANCIANI e CANABARRO, 2016).

De acordo com a LDB, em seu “Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). A família assim, se constitui como primeira instituição responsável pela formação e educação da criança, que através das orientações baseadas no sexo biológico se caracteriza por transferir uma educação sexista que vem sendo culturalmente e historicamente reproduzida.

Segundo (CANCIANI e CANABARRO, 2016, p. 02), “Durante todas as fases do desenvolvimento, os pais, a família, a escola, a sociedade em geral transmitem valores e normas culturais e morais, ensinando meninas e meninos a diferenciarem o que é próprio do seu gênero, e, assim, reconhecer os papéis de cada sexo”. Assim, a partir do contato com as diferentes instituições como a escola e família, crianças e jovens são condicionados a assumirem condutas e papéis sociais destinados a cada sexo, voltados para cada genitália, baseados em condutas e normas construídas socialmente, tomadas como naturais. Diante disso, como futuros docentes podemos pensar se

[...] é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? Sendo

assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento? (LOURO, 2003, p. 63)

Essas questões além de remeterem aos papéis sociais colocados para mulheres e homens, estão associadas às relações de poder que se fundamenta na figura do homem como superior a mulher, “Historicamente a desigualdade entre homens e mulheres vem sendo naturalizada nas relações sociais, encontrando forças para se reproduzir cotidianamente na educação sexista” (ARAÚJO; BEZERRA; FERREIA, 2017. p. 584). Esses papéis, de acordo com Louro (2003),

[...] seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista (p.24).

A essa educação baseada nestes padrões para mulheres/meninas e homens/meninos dá-se o nome de sexismo. O sexismo é caracterizado por ser “um fenômeno presente no cotidiano, imposto pela linguagem, pelas práticas sociais, pelas propagandas, nos conteúdos curriculares e didáticos, nas relações de trabalho, enfim, ele se impregna no cotidiano e no entorno das relações” (CANCIANI e CANABARRO, 2016, p. 03). A educação sexista é percebida à medida que em práticas do cotidiano, na escola e demais instituições se caracterizam pela reprodução dos papeis sociais, sendo constituído de diversas maneiras.

## **2.2 Gênero e educação**

Atualmente, há na contemporaneidade diversas discussões e debates em torno da abordagem das relações de gênero nos currículos escolares. Entre essas discussões, destacam-se ações de grupos conservadores no campo político e religioso que se colocam contra a

chamada “ideologia de gênero”<sup>2</sup>. Estes grupos afirmam que a escola é movida por uma doutrinação ideológica, assim, se colocam contra a utilização e abordagem deste termo nos documentos oficiais que regem a educação nacional, propondo o que conhecemos como Movimento Escola Sem Partido (MESP). Diante disso, torna-se necessário voltar alguns anos na história para entender como foi realizada a construção destas discussões e como elas estão fundamentadas.

A utilização do termo gênero ganhou destaque a partir da década de 1960, com o aparecimento e a construção de diversas pesquisas e estudos realizados por grupos feministas. Entre os objetivos, estava a modificação das posições ocupadas pelas mulheres na sociedade, visando diminuir as diferenças naturalizadas através do sexo biológico para mulheres e homens (CARDOSO, 2018). Os estudos feministas, realizados primeiramente no ocidente, deram origem às problemáticas e debates em torno do termo gênero (LOURO, 2003). Neste sentido, a palavra gênero está ligada historicamente e politicamente ao movimento feminista.

No Brasil, as discussões sobre relações de gênero na educação se intensificaram a partir dos anos 1970, dentre os diversos movimentos a favor da igualdade de gênero e temas como o aborto, homofobia etc. A partir do ano de 1990, as relações de gênero passaram a ter maior visibilidade em pesquisas e produções acadêmicas, cuja base também tinha os estudos realizados por mulheres e feministas, vítimas de discriminação por um sistema androcêntrico e patriarcal (VIANNA e UNBEHAUM, 2004). Esta visibilidade está associada à consolidação da Constituição Federal (CF) em 1988, que faz com que diversas reformas educacionais sejam realizadas.

Dentre as reformas, está a aprovação em 1996 da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o início da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do Plano Nacional de Educação (PNE) pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), cujos objetivos eram estabelecer metas e orientar a construção dos currículos escolares na educação básica, buscando também, uniformizar a educação nacional. As primeiras versões dos PCN e do PNE foram construídas pelo próprio MEC, porém, a segunda versão do PNE foi elaborada a partir de longas e vastas discussões, em nível municipal, estadual e nacional, que realçaram disputas políticas entre os contrários as ideologias do

---

<sup>2</sup> O termo “ideologia de gênero” ganhou ênfase no ano de 2014, a partir da construção do PNE no Brasil. Tal termo foi utilizado por grupos conservadores, religiosos e políticos para deslegitimar ações ligadas a inclusão e discussão de temas como gênero e sexualidade nos atuais planos de educação. Resultando assim, na exclusão destes temas no atual PNE. A defesa desta concepção revela o desconhecimento da proposta da inclusão de uma educação de gênero na educação.



governo de Fernando Henrique Cardoso (VIANNA e UNBEHAUM, 2004). Vale ressaltar que até os dias atuais, são travadas diversas lutas e debates políticos na construção de documentos na área educacional, refletindo em sua grande maioria em grupos que defendem a manutenção de certas ideologias e da cultura dominante e os contrários aos valores hegemônicos. Nestes documentos, de acordo com as análises realizadas por (VIANNA e UNBEHAUM, 2004. p. 89),

A forma como as questões de gênero são tratadas na Constituição Federal, na LDB e no Plano Nacional de Educação assume três características distintas. Uma refere-se à linguagem utilizada; a segunda, reporta-se à questão dos direitos, na qual o gênero pode estar subentendido; e a última, adquire uma certa ambiguidade, pela qual a referência ao gênero desaparece da apresentação geral do documento mas aparece – timidamente – em alguns tópicos.

Diante disso, verifica-se que há poucas menções sobre gênero e relações de gêneros nos documentos que regem a educação nacional, não havendo, portanto, uma preocupação em incentivar a discussão e ações para desconstrução e diminuição contra desigualdades e discriminações sofridas pelas mulheres em decorrência de uma sociedade patriarcal e androcêntrica, e sim, um ocultamento desses termos.

A falta de discussões sobre relações de gênero nos documentos oficiais que regem e normatizam a educação escolar, refletem também, seu não aparecimento em políticas públicas educacionais, assim como argumenta (VIANNA; UNBEHAUM, 2004, p. 78-79), “A escassez dessa abordagem espelha-se na raridade de análises densas sobre a discussão acerca da igualdade entre homens e mulheres prevista na Constituição Federal de 1988”.

Diferentemente dos documentos citados anteriormente, destaca-se pelo tratamento de questões referentes a gênero os PCN's, trazendo as relações de gêneros em diversos momentos, evidenciando a igualdade de direitos e a importância das relações de gênero na constituição da identidade da criança. É importante destacar que as relações de gênero são tratadas em alguns volumes do PCN de forma tímida e superficial, no entanto, no volume 10 é que este termo está presente explicitamente nos objetivos gerais e na sua composição, fazendo referência tanto a orientação sexual, como as relações de gênero, prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) etc.

A partir do ano de 2003, no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, algumas mudanças podem ser observadas em relação à diversidade, movimentos LGBTTTQIs e na área da educação, entre elas, estão à criação de “[...] diversas secretarias especiais, tais

como: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH); Secretaria Especial de Política para Mulheres (SPM); Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Secretaria Nacional da Juventude (SNJ). Secretaria de Inclusão Educacional (SECRIE) e a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (SEEA)” (CARDOSO, 2018. p. 112). Demonstrando assim, certa preocupação em relação a tais públicos como sujeitos de direito.

Além destas, foi criada em 2004 a Secretaria de Educação a Distância, Alfabetização e Diversidade (SECAD), órgão componente do MEC, que passou a se chamar anos depois de Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), sendo responsável pelo desenvolvimento de ações, programas e políticas de educação do campo, educação em direitos humanos, Educação para Jovens e Adultos (EJA), entre outras. Constituindo-se como responsável por diversos avanços em relação a temas como inclusão e diversidade.

A SECADI, no ano de 2019, no atual governo do presidente Jair Bolsonaro, foi extinta por intermédio do Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019. Sendo criadas a partir da sua extinção a Secretaria de Alfabetização e a Secretaria de Modalidades Especializadas da Educação. Constituindo assim, em um retrocesso na garantia de igualdade e equidade em relação a diversidade no campo educacional.

Em 2004, também foi elaborado o Plano Nacional de Políticas para Mulheres, no qual se destaca pelas propostas realizadas para criação de uma diretriz curricular para educação básica (Ensino Infantil, Fundamental e Médio) que trataria de assuntos como gênero, direitos humanos, orientação sexual etc., sendo utilizado para orientar a construção dos currículos escolares (CARDOSO, 2018).

A partir de 2008, visto o primeiro PNE (2001-2010) ser um plano decenal e seu prazo está chegando ao fim, foi realizada no mesmo ano o Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB) e em 2010 a Conferência Nacional de Educação (CONAE), cujas deliberações foram tidas como os primeiros passos em direção a construção de um novo PNE com a participação de diversos segmentos da sociedade (REIS; EGGERT, 2017).

Em 2010 a proposta do novo PNE foi apresentada na Câmara dos Deputados e quase dois anos depois foi aprovada e encaminhada para o Senado. Neste documento as menções direcionadas às relações de gênero foram contempladas e, além disso, a linguagem era direcionada a cada gênero. No entanto, no final do ano de 2013, o Senado aprovou uma substituição no documento, esta substituição retirou de todo o documento às flexões de gênero, utilizando assim, uma linguagem masculina. Ao retornar à Câmara dos Deputados, o

projeto passou por diversos debates e nestas discussões o termo “ideologia de gênero” ganhou ênfase e foi utilizado diversas vezes, havendo várias manifestações a favor e contrárias ao uso deste termo. Em junho de 2014, o projeto foi aprovado com a utilização da flexão de gênero, no entanto, nada foi modificado com relação à substituição feita anteriormente (REIS; EGGERT, 2017). Temos, portanto, no atual PNE a exclusão do gênero, caracterizando assim, como um retrocesso em relação às lutas desenvolvidas para a promoção da igualdade entre mulheres e homens.

Com a elaboração e construção do PNE (2014-2024), explodiu no Brasil um movimento organizado pelos partidos conservadores, que continham a participação de grupos evangélicos e católicos, no qual se apresentavam contra a chamada “ideologia de gênero”. Este grupo, desde o planejamento do PNE, em suas reuniões e debates nos âmbitos municipais e estaduais, estiveram determinados a eliminar deste documento qualquer referência que tivesse o gênero como seguimento (CARDOSO, 2018). Esta posição, afirma assim, um conservadorismo que se posiciona contra a igualdade de gênero e a manutenção das relações de poder estabelecidas em nossa sociedade. Portanto, entende-se assim que, “[...] essa diversidade deve ser ignorada e não ensinada na escola” (CARDOSO, 2018. p. 113).

A construção destes documentos e das políticas públicas são marcados pelo confronto de diferentes grupos políticos. Neste cenário de diversos debates, há manifestações de diferentes grupos como, feministas, evangélicos, membros da igreja católica, membros de esquerda e de direita. De acordo com (MAROLA, 2018), foi a partir da elaboração do PNE (2014-2024), que ficou evidente que haviam incômodos relacionados com a utilização do termo gênero. A inclusão dos temas relacionados a gênero e sexualidade na educação, vem travando lutas entre grupos defensores destas temáticas e grupos evangélicos, que atuam mediante a defesa de valores cristãos e na manutenção de padrões da “família tradicional” e do patriarcado.

O termo “ideologia de gênero” é utilizado no Brasil, de acordo com os escritos do livro e de palestras realizadas pelo advogado e autor argentino Jorge Scala, intitulado como Ideologia de Gênero – o neototalitarismo e a morte da família (2015). Scala em entrevista concedida ao portal católico Zenit (2012), afirma que

[...] o sexo seria o aspecto biológico do ser humano, e o gênero seria a construção social ou cultural do sexo. Ou seja, que cada um seria absolutamente livre, sem condicionamento algum, nem sequer o biológico, para determinar seu próprio gênero, dando-lhe o conteúdo que quiser e mudando de gênero quantas vezes quiser. Agora, se isso fosse verdade, não

haveria diferenças entre homem e mulher – exceto as biológicas -; qualquer tipo de união entre os sexos seria social e moralmente boas, e todas seriam matrimônio; cada tipo de matrimônio levaria a um novo tipo de família; o aborto seria um direito humano inalienável da mulher, já que somente ela é que fica grávida; etc. Tudo isso é tão absurdo, que só pode ser imposto com uma espécie de ‘lavagem cerebral’ global (ZENIT, 2012).

Nestes discursos realizados por Scala os fundamentos realizados pela defesa da “ideologia de gênero” são falsos. Além disso, faz referência à diferença biológica e física entre homens e mulheres para justificar relações como a heterossexual e a reprodução. Afirmando ainda que “Tudo isso é tão absurdo, que só pode ser imposto com uma espécie de ‘lavagem cerebral’ global”. Ficando evidente e explícito em sua fala a utilização de dogmas católicos.

Um dos esforços para manter os termos relacionados a gênero fora das instituições escolares pelos grupos religiosos, foi a criação de projetos de Lei como o MESP. Segundo Roseno e Silva (2017) *apud* Naggib (2017),

[...] existem muitos professores que usam a sala de aula para ‘fazer a cabeça’ dos alunos, para poder usá-los como massa de manobra a serviço dos seus próprios interesses políticos e partidários [...] Os sindicatos, por sua vez, além de representarem os interesses desses militantes disfarçados de professores, são controlados pelos partidos de esquerda, que lucram com a prática da doutrinação e da propaganda partidária nas escolas (P. 08).

Esta ideologia é tida como uma ameaça aos interesses defendidos pelo MESP. Vale destacar que a partir do momento que o MESP se coloca contra uma ideologia, está dessa forma, ignorando a sua própria ideologia “pois a pretensão de neutralidade é nada mais que a empreitada em busca da manutenção de privilégios sociais, econômicos, políticos e culturais” Roseno e Silva (2017, p. 9). O MESP vem atuando como uma forma de parar diversos avanços empreendidos na área da educação, voltadas para igualdade de gênero, lutas contra homofobia, machismo, racismo etc., e com a exclusão das questões relacionadas a gênero esse movimento tende a ganhar mais força. Além da atuação de representantes políticos.

Um dos resultados do conservadorismo na política brasileira, que tem nomeado as discussões de gênero de ideologia de gênero, contribuiu para que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “[...] documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (MEC, 2019), fosse aprovada em 2017 no governo de Michel Temer, não apresentando em sua versão final nenhuma discussão sobre gênero e

sexualidade, seguindo, portanto, as ideias advindas da bancada religiosa e do MESP (SOUSA JUNIOR, 2018).

Esses discursos sobre a ideologia de gênero e a defesa da Escola Sem Partido (ESP) ainda hoje podem ser observados na atual conjuntura política e educacional no Brasil, pois perante estas ideias, “Os primeiros que propuseram o projeto são membros da família Bolsonaro, conhecida pelo seu alinhamento ideológico com a extrema direita do nosso país” Roseno e Silva (2017, p.12). Vale destacar que, a extrema direita na última eleição presidencial realizada no ano de 2018, levou a ascensão de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República. Sendo assim, com a ascensão deste representante da extrema direita e do conservadorismo, movimentos como esses ganham ainda mais destaque.

Dentre as ações realizadas pelo atual governo, estão a divulgação da nova Ministra da Mulher, Família e Direitos humanos a pastora evangélica Damares Alves, que no seu discurso na transmissão de cargo declarou que “[...] O estado é laico, mais a ministra é terrivelmente cristã”, firmando, portanto, seu posicionamento diante das ações do atual ministério que atenderam a bancada cristã e ao conservadorismo propagado pela extrema direita. Além disso, a ministra afirma em outros discursos que “[...] nesse governo, menino será princesa e menino será príncipe”, ressaltando assim, os padrões de comportamentos que defende para meninas e meninos.

Ainda nesta oportunidade, a Ministra afirma que uma das prioridades deste ministério será acabar com a “[...] doutrinação ideológica de crianças e adolescentes no Brasil”, acusando docentes e profissionais de educação de manipular crianças e jovens no ambiente escolar. Essa afirmação, põe em evidência a defesa realizada pela MESP e gera diversas discussões sobre o que esperar deste governo para melhorar a qualidade de vida desses públicos, pois, é perceptível nestes discursos a referência realizada aos interesses defendidos por religiosos e pela extrema direita, que na elaboração dos PNE em níveis municipais e nacionais tiveram participação efetiva na retirada das questões de gênero do documento.

Essa classificação realizada pela ministra para meninas e meninos tem como base o sexo biológico que a criança possui. Sendo assim, os padrões voltados para cada sexo determinam a identidade que cada sujeito deve ter, ignorando assim, a construção socialmente da identidade de gênero e sexual pelos sujeitos. Neste sentido, fica o questionamento de quem este ministério vai atender, quem são as mulheres? Qual modelo de família irá defender? A quem está garantido os direitos humanos?

Neste sentido, cabe destacar a importância da pesquisa científica e de estudos sobre estas temáticas para desconstruir esses ideais, possibilitando assim, estudos teóricos e práticos para o questionamento aos posicionamentos advindos de grupos conservadores que ditam o que cada sujeito deve ser e seguir, desconsiderando a subjetividade de cada um, além de considerar quem é detentor ou não de direitos.

### 2.2.1 A escola e as relações de gênero

Atualmente, a formação de educadores e o papel da escola na sociedade tem ganhado ênfase em discussões e estudos realizados no campo educacional, tais discussões acontecem mediante mudanças constantes na sociedade capitalista atual, no qual a educação é caracterizada pela formação, cuja prioridade é o preparo dos sujeitos para o mercado de trabalho e para os meios de produção, esta acontece através da reprodução de práticas e conteúdos, não havendo assim, pouca ou nenhuma abertura para reflexão ou crítica (SCOLARI, 2013).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu “Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996). Neste sentido, torna-se fundamental refletir sobre como e para quê, esta educação está sendo realizada, bem como, sobre que escola temos e a que queremos.

A escola assim como as demais instituições (igreja, estado, família) não é neutra e reproduz discursos advindos de uma base ideológica hegemônica, cujas ações e ideias vêm deste modelo capitalista, neoliberal e normativo que estamos inseridos, que neste ambiente tende a provocar e reproduzir preconceitos, desigualdades e discriminações direcionados aos mais variados grupos (mulheres, homossexuais, negros etc.) considerados inferiores ou anormais perante um modelo padrão pré-estabelecido (homem branco, heterossexual, de classe alta, dono dos meios de produção). Neste sentido, Louro (2003) afirma que as

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos

foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (p.57).

Esta instituição, desde a sua criação é constituída por uma série de interesses, que são geralmente realizadas de uma classe sobre a outra buscando condicioná-los a servi-los, ou seja, pelas relações de poder, explicitamente visível na relação entre mulheres e homens. Tendo como foco as relações de gênero no ambiente escolar, estas são constituídas mediante esta separação entre meninas e meninos, (re)produzindo práticas machistas e ao mesmo tempo naturalizando as relações de poder impostas socialmente para cada gênero (LOURO, 2003). Ainda segundo Louro (2003), a escola se constitui como uma fábrica, cujos sujeitos são moldados a partir de um processo sutil e silencioso, quase imperceptível, no qual a produção se assegura por meio de leis e decretos que regulam instituições como a escola, sendo representados em

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão (LOURO, 2003, p. 64).

Assim, deve-se chamar atenção para hábitos e ações do cotidiano e na escola que são tidas como naturais, através dos seus discursos e práticas, que ao acabam reproduzindo estas ideias, diante disso, tais ações devem ser problematizadas e refletidos com urgência, desconfiando do que vem sendo naturalizado e tomado como verdade absoluta.

Nas relações de gênero aqueles sujeitos que não partilham e não reproduzem o padrão determinado para “seu” gênero específico masculino ou feminino são excluídos e ignorados no meio social. No ambiente escolar não é diferente, tais reproduções são propagadas em diversas práticas de preconceito, discriminação e exclusão que estão claramente visíveis no cotidiano escolar, sejam pelos docentes ou discentes. Há uma grande resistência do âmbito escolar para as discussões de gênero e diversidade sexual e

[...] dificilmente a discussão sobre a diversidade sexual tem entrado na pauta do espaço programado da escola, por uma série de motivos, dentre eles a carência da inclusão de educação sexual no currículo oficial escolar, especialmente, a omissão da política educacional brasileira a respeito do

enfrentamento ao preconceito e discriminação por orientação sexual.” (JOCA, 2008, p.100).

Esta falta de discussões englobam preocupações com as diferentes instituições como à família e a religião. No entanto, é necessário reconhecer algumas conquistas e o reconhecer que ainda existem muitos desafios a serem vencidos “[...] especialmente os relacionados à orientação sexual [...]. No âmbito social, a escola é apenas um desses espaços e, como parte desse todo, funciona de acordo com seus valores e condutas hegemônicas” (JOCA, 2008, p.85). Assim,

Nos últimos anos, algumas instituições e ativistas do movimento homossexual, em suas ações comunitárias, no campo da organização da sociedade civil LGBTTT, têm utilizado a expressão “diversidade sexual” em seus discursos e práticas, ao referir-se às questões sobre orientação sexual, com o objetivo de dar visibilidade à diversidade humana e às diversas possibilidades de orientações e identidades sexuais. No entanto, a utilização dessa expressão tem encontrado obstáculos no âmbito formal das políticas públicas, pela possibilidade do seu entendimento relacionado às várias maneiras e formas de viver a sexualidade, ou seja, a defesa e/ou reconhecimento da diversidade sexual pode lingüisticamente ser entendida como a defesa da pedofilia, zoofilia, necrofilia, poligamia, incesto, que não é o caso (JOCA, 2008, p.62).

A falta de conhecimento sobre gênero e sexualidade acaba por evitar discussões que são indispensáveis no ambiente escolar. Estas temáticas devem ser discutidas com frequência no ambiente escolar, com princípios voltados para igualdade e respeito pelas inúmeras identidades e subjetividades presentes na escola. Eliminando formas de preconceito, discriminação e machismo. Bem como, nas diferentes instituições como igrejas, ONG’s. Assim, deve-se refletir sobre o uso e a reprodução de papéis sociais nas escolas por meio práticas excludentes, bem como, a falta de discussões sobre estas temáticas.

### 2.2.2 Docência: distanciamentos e aproximações

Reconhecendo a escola como ambiente propício que necessita a discussão das relações de gênero, cuja prática muita das vezes está associada com disseminação e reprodução de preconceitos e estereótipos contra os diferentes grupos que nela estão contidos, é necessário aprimorar práticas pedagógicas reconhecendo a instituição escolar como complexa, diversificada e multicultural, necessitando assim, a prática de profissionais plurais



e reflexivos que estimulem a inclusão, valorização e pertencimento dos diferentes grupos e culturas, promovendo condições para a formação de sujeitos autônomos e reflexivos (SCOLARI, 2013). Neste sentido, é importante refletir e pensar em qual escola queremos e o que estamos fazendo para alcançar estes objetivos, ou seja,

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui (LOURO, 2003, p. 64).

Diante disso, se faz necessário problematizar o papel e a prática desempenhada pelo profissional docente neste ambiente, uma vez que este é responsável pela formação de sujeitos, criando possibilidades para seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, (SCOLARI, 2013, p. 10118) traz que,

O grande tema de debates, nas escolas, universidades e no cotidiano das pessoas é como agir neste mundo do imediatismo e do consumismo e de toda essa imposição de padrões pré-estabelecidos. Tais como gostos musicais, programas de televisão, maneiras de vestir, etc. O que se pode dizer de imediato é que no contexto atual é impossível repensar padrões de uma sociedade tradicional e/ou moderna, ou seja: tentar reproduzir métodos e modelos que antes eram utilizados e funcionaram.

Desse modo, se torna essencial pensar a formação de professores baseada nestes condicionantes, pois que, estes padrões perpassam e são reproduzidos na escola, devendo ao profissional docente novas posturas voltadas para a reflexão e crítica perante os contextos atuais, pensando em “[...] formar cidadãos preocupados com o futuro que todos desejam: humanizador e realmente democrático. Diante disso é que nos deparamos com a grande preocupação na área da educação, a da formação docente para esta geração complexa” (SCOLARI, 2013, p. 10118).

Desde modo, pensando a escola como ambiente de trabalho deste profissional e enquanto instituição atuante em meio a está sociedade, que perpassa e reproduz ideias construídas e veiculadas na sociedade capitalista, que se caracteriza por uma série de violações aos direitos humanos. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.

São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade (1948). Esta igualdade é voltada para todos os seres humanos, sendo constituída sem discriminação independente “de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação (Idem, 1948). Cujas melhorias estão voltadas para as mediações e ações realizadas por todo conjunto da instituição, incluindo docentes e não-docentes. Em outras palavras, o docente deve estar

[...] em constante processo de aprendizado, pesquisando e aplicando seus conhecimentos em suas práticas, e que sejam fundamentadas em estudos legítimos. Um profissional docente é aquele que tem consciência da importância de seu papel na construção de saberes e atitudes em seus educandos sempre os relacionando com a realidade presente. Em meio às constantes transformações, necessita-se que os educandos tenham consciência de seu importante papel de cooperadores nessa educação atual, e serem capazes de além de cooperar, continuar descobrindo seus conhecimentos de forma autônoma e crítica (SCOLARI, 2013, p. 10120).

Assim, deve-se pensar na formação tida por este profissional, para que possam desempenhar tal papel de forma eficaz e com significado, entendendo as contribuições destas atitudes para a formação dos sujeitos e da identidade.

Na perspectiva das relações de gênero, o profissional docente deve procurar aprimorar saberes e práticas para que assim possa desenvolver um trabalho com propriedade e com intencionalidade. Vale ressaltar que, “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento, de técnicas), mas sim por um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1992, p. 25). Reconhecendo assim, como um processo inacabado.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa é um importante processo que visa o descobrimento, construção, comprovação, explicação, resolução de problemas e compreensão da realidade. De acordo com Demo (1985, p. 23) “[...] a pesquisa é um processo interminável, intrinsecamente processual. É um fenômeno de aproximações sucessivas e nunca esgotado, não uma situação definitiva, diante da qual já não haveria o que descobrir”. Deste modo, compreendemos a pesquisa como processo ilimitado que pode ser elaborada/realizada a partir de diversas maneiras e eventos, sendo essencial e indispensável nos processos de formação de profissionais e na construção de conhecimento. Contudo, para que esta seja efetivada se faz necessário à utilização de procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa, utilizando-os de forma intensiva e sistemática para o desenvolvimento e validação da pesquisa.

A pesquisa é utilizada em diversas áreas, tais como na saúde, economia, educação dentre outras áreas. Tendo como foco o meio educacional, a pesquisa é utilizada com frequência, cujos objetivos estão intrinsecamente ligados ao conhecimento, seja pela sua manutenção ou construção, bem como, a constituição de novas práticas para esta área, de acordo com as mudanças no cotidiano e sua compreensão. Entre os mais variados métodos de estudos que podem ser utilizadas nestas pesquisas, destacamos o uso da etnografia nas pesquisas educacionais, constituindo-se como um instrumento eficaz e efetivo para investigação e compreensão deste ambiente.

A etnografia é um tipo de estudo desenvolvido na antropologia cujo princípio é “[...] estudar a cultura e a sociedade.” (ANDRÉ, 2009, p. 24), buscando compreender os significados das ações e acontecimentos para os sujeitos do estudo, sejam estes, indivíduos isolados ou de um grupo social específico. Esta significação está atrelada aos variados eventos que acontecem diariamente com as pessoas e seus grupos, presentes e reproduzidos explicitamente e silenciosamente através da linguagem e nas suas formas de organização que são transmitidas através da cultura.

Neste sentido, podemos caracterizar o estudo etnográfico como descritivo e analítico, voltado para descrição e compreensão dos diferentes significados construídos num determinado contexto, em outros termos, “A etnografia é a tentativa de descrição da cultura” (ANDRÉ, 2009, p. 15). Partindo do princípio que é a partir da cultura que se compreende de

que maneira os seres humanos se comportam e se auto significam, ou seja, é a partir de como o sujeito percebe o mundo e este o significa, seus hábitos, costumes, crenças influenciam diretamente na forma de se comportar e de lê o mundo.

Este estudo surge com pressupostos na *fenomenologia*, cujas ideias centrais afirmam que, para entender de que forma os sujeitos se comportam é necessário adentrar no seu universo e assim perceber de que maneira estes dão sentido aos acontecimentos e ações do meio social que ocorrem no seu cotidiano (ANDRÉ, 2009). Em outras palavras, é necessário conhecer a cultura e as experiências daqueles sujeitos, para então compreender como estes agem no dia a dia.

Esta técnica também se assemelha com o interacionismo simbólico, sendo um “[...] estudo de como os indivíduos compreendem e estruturam o seu dia a dia, isto é, procura descobrir “os métodos” que as pessoas usam no seu dia a dia para entender e construir a realidade que as cerca” (ANDRÉ, 2009, p. 15). Seus estudos, portanto, estão voltados para o cotidiano dos sujeitos e seus significados.

Segundo André (2009), os estudos etnográficos embora já estivessem em meio à discussões e debates no final do século XIX, só passaram a ter destaque na área educacional no final dos anos 60, mediados pela necessidade de educadores em compreender e saber o que se passava no cotidiano das escolas e dentro das salas de aulas. Se intensificando nos anos seguintes, com a realização de diversos estudos e publicações sobre o tema, mediados pela insatisfação dos estudos realizados até o momento. Os estudos etnográficos, portanto, começaram a ganhar destaque nas pesquisas educacionais como uma nova forma de fazer pesquisa na educação.

Neste período, os estudos realizados nas instituições escolares eram realizados a partir do uso de uma série de observações, buscando apenas registrar as interações entre docentes e discentes e avaliar a prática docente em relação aos treinamentos realizados. Este tipo de estudo voltado quase que exclusivamente para as interações, tornou-se alvo de críticas e comentários, na sua grande maioria direcionada a pretensão de enquadrar e prever os comportamentos realizados na sala de aula, ignorando assim todos os elementos constitutivos aquelas ações, focando assim, somente no que podia ser observado (ANDRÉ, 2009). Além disso, orientava novos estudos a seguirem a mesma linha de análise, construindo assim, uma linearidade nas pesquisas desenvolvidas.

Outro fator importante é decorrente da afirmação de que os estudos realizados até o final dos anos de 1960, pouco contribuíram para a compreensão do processo educativo no

ambiente escolar, estes fatores, portanto, foram determinantes para origem de diversas produções sobre o assunto, tendo como indicação a utilização da abordagem antropológica ou etnográfica na prática escolar como uma possível alternativa. Essas produções foram significantes para a utilização da etnografia nas pesquisas em educação nos Estados Unidos, Brasil e na Europa.

Desde então, a etnografia vem sendo utilizada como um importante instrumento, voltando-se para a descrição e compreensão do processo educativo, interesse este predominante na maioria dos profissionais que trabalham e constituem a educação escolar. De acordo com André (2009), o que realmente é realizado neste ambiente são estudos etnográficos, pois, estes são realizados no contexto escolar de forma diferenciada se compararmos ao sentido estrito da etnografia, como o longo tempo demandado e as complexas categorias de análise de dados. A etnografia, portanto, é adaptada ao cotidiano escolar. Desta forma, para ser considerado como um estudo etnográfico este deve ser realizado utilizando um conjunto com técnicas que são inerentes ao seu desenvolvimento, entre elas estão, a observação participante e a entrevista.

O/A pesquisador/a, neste tipo de estudo é considerado/a o principal instrumento de coleta e análise de dados, consistindo assim, como essencial para seu desenvolvimento. Durante a execução da pesquisa este encontra-se diante de diferentes culturas e significações, sejam estas expressadas pelos sujeitos ou pelo grupo, constituídas por experiências e concepções variadas. Sua tarefa de acordo com André (2009, p. 16),

[...] consiste na aproximação gradativa ao significado ou á compreensão dos participantes, isto é, de uma posição de estranho o etnógrafo vai chegando cada vez mais perto das formas de compreensão da realidade do grupo estudado, vai partilhando com eles os significados.

Tentando assim, absorver/perceber o máximo possível para descrever e compreender a realidade dos sujeitos estudados, usando a aproximação como determinante para esta compreensão, pois, neste contexto é imprescindível o contato direto do pesquisador com o campo, podendo assim, ao longo da pesquisa modificar e alterar a qualquer momento a sua forma de execução.

Por fim, a etnografia tem como finalidade “[...] a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem” (ANDRÉ, 2009, p. 25), ou seja, atenta-se para descobertas de novas concepções para compreender a realidade pesquisada, não se limitando a um resultado final, mais sim a caracterização e ao processo realizado. Para isto, faz uso de

variados componentes de trabalho, que podem ser frequentemente revistos, reformulados, repensados e reavaliados. Neste sentido, por ter todas estas características elencadas anteriormente, esta pesquisa é de tipo etnográfica, pois permite,

[...] que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade do mundo (ANDRÉ, 2009, p. 34).

Deste modo, proporciona a pesquisadora estabelecer um contato direto com os sujeitos da pesquisa em seu ambiente natural, viabilizando assim uma coleta de dados mais precisa e confiável, neste caso, na escola, uma instituição que possui um ambiente complexo e diversificado, sendo frequentada por inúmeros sujeitos, cada um com seus hábitos, crenças, comportamentos, culturas etc., advindos de diferentes lugares e com opiniões distintas. Desta maneira, com o uso da etnografia se torna possível compreender o contexto e seus sujeitos com maior precisão e veracidade, atentando para o ambiente escolar como um todo, desde a sua organização, seus agentes, suas relações sociais e poder, reconhecendo que, a forma como está é organizada, interfere diretamente no processo educativo em sala de aula, bem como, o próprio contexto no qual a escola e seus sujeitos estão inseridos.

Neste sentido, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois segundo Bordan e Biklen (1982) *apud* André e Lüdke (1986), tem “[...] o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.” (p.11), possibilitando ao/a pesquisador/a maiores informações e conhecimento sobre o objeto que se deseja conhecer.

### **3.2 *Locús* e sujeitos da pesquisa**

Esta pesquisa teve como *locus* uma escola de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Lavras da Mangabeira – CE, localizada na mesorregião Centro-Sul Cearense, fazendo parte também da Região Metropolitana do Cariri. Este município possui cerca de 31 mil habitantes e é conhecido pelo ponto turístico chamado de Boqueirão, além disso, é lembrado por ter diversas figuras conhecidas em todo nordeste, como a Dona Fideralina Augusto ícone do coronelismo na região cearense e escritores como Filgueiras Lima e Dismas Macêdo. Sendo conhecida também por ser a terra do padroeiro São Vicente Ferrer.

Os sujeitos da pesquisa são os/as discentes do 1º ano “A” do turno da tarde e a docente responsável pela turma. A turma possui 23 (vinte e três) discentes, entre eles, 13 (treze) meninas e 10 (dez) meninos, com idade de 6 á 8 anos, advindos da zona rural e urbana deste município. A discente tem 38 anos de idade e possui formação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, e ministra aulas apenas nas turmas do 1º ano.

### **3.3 Instrumentos de coleta de dados**

Neste tipo de pesquisa, é necessário um intenso trabalho em campo, pois, deve-se ter uma aproximação e contato constante da pesquisadora com o ambiente (situações, locais) e sujeitos por um determinado tempo (ANDRÉ, 2009). Sendo assim, os instrumentos de coleta de dados serão: diário de bordo e entrevista semiestruturada e como técnica a observação.

#### **3.3.1 Observação**

A primeira técnica utilizada foi à observação. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 26), esta técnica

[...] possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. "Ver para crer", diz o ditado popular.

Neste sentido, sua utilização foi indispensável, visto que o pesquisador entrou em contato direto com a turma e com o ambiente, permitindo assim, uma descrição precisa sobre os sujeitos e do espaço escolar. Deste modo, compreendemos a importância da observação no desenvolvimento da pesquisa, no qual possibilitou um maior contato com o ambiente e com os sujeitos da pesquisa.

As observações foram realizadas em toda delimitação da instituição escolar, no qual os discentes tinham acesso e na turma do 1º ano “A” do turno da tarde do ensino fundamental I, mediante a utilização de um roteiro de observação (Apêndice A), contendo os principais elementos e características fundamentais a serem observados durante a realização da pesquisa, foram observados assim, os espaços e delimitações do espaço escolar, a organização da rotina, práticas pedagógicas, espaços ocupados, as relações entre meninas e meninos, atitudes e comportamentos de todo o corpo da escola, bem como, dos discentes e pais e responsáveis, as

relações de poder, linguagens e expressões. Buscando desvendar fatos explícitos e implícitos que substanciam a rotina dos discentes na instituição escolar.

Estas observações aconteceram no período entre os meses de setembro e outubro de 2019, resultando, num total de 20 observações. A partir da sua execução, foi construído um diário de campo, pois estes

[...] priorizam aspectos, como descrição do espaço físico, dos sujeitos, do cotidiano, das reações e alterações em nosso comportamento e no comportamento das crianças, dos movimentos de entradas e saídas dos locais pesquisados e das situações inusitadas que vez por outra acontecem nos locais (Delgado e Müller, 2008. p.151).

Desta maneira, o diário de campo nos possibilitou registrar com mais detalhes os acontecimentos em tempo real, facilitando assim, sua descrição e compreensão do ambiente observado.

### 3.3.2 Entrevista

Visando aprofundar questões referentes à temática desta pesquisa e os questionamentos que surgiram a partir da observação, foi realizada uma entrevista de forma semiestruturadas, pois, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 33-34),

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Esta flexibilidade da entrevista semiestruturada permitiu uma interação menos tensa entre entrevistador e entrevistado, sendo iniciadas a partir de questões e pontos introdutórios, buscando interação entre pesquisador e entrevistado. Logo após, foram realizadas perguntas norteadoras, essenciais para desenvolvimento desta pesquisa, sendo possível assim, aprofundar algumas questões, formular novas perguntas e reformular as já existentes, no decorrer da entrevista, de acordo com as dúvidas e as necessidades.

A entrevista foi realizada na própria sala de aula, com a docente responsável pela turma observada, baseando-se em um roteiro de perguntas. A docente entrevistada tem 42



(quarenta e dois) anos de idade e possui formação em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia, ministrando aulas há 10 (dez) anos nas turmas de 1º ano. No total, foi realizada apenas uma entrevista, na qual foi gravada, conforme escolha da própria docente.

### **3.4 Procedimentos éticos da pesquisa**

Considerando o ambiente e o tipo de pesquisa que foi desenvolvida, compreendendo os riscos possíveis envolvidos para os participantes da pesquisa, adotamos as seguintes estratégias: visitas a instituição escolar escolhida para realização desta pesquisa, com intuito de informar como esta seria desenvolvida e estabelecer diálogos com a docente da turma almejada. Aos pais/responsáveis, docente e gestores foram informados, a sala de aula escolhida, a quantidade de visitas, a duração da pesquisa, os dias que as observações seriam realizadas, os documentos que viriam a ser solicitados etc. Na ocasião, foi levado o Termo de Anuência para assinatura do gestor da instituição, cuja função é declarar a ciência da pesquisa, duração e consentimento. Vale ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, todos os termos foram elaborados de acordo com a Resolução do CNS/ N°. 466/2012, que normatiza e orienta as pesquisas envolvendo seres humanos.

As entrevistas e a observação foram realizadas a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), utilizado na entrevista com a docente e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), voltado para os menores de idade, cujas assinaturas foram dos responsáveis legais, deixando evidente os objetivos, a importância da pesquisa, benefícios, custos e malefícios, informando ainda que o voluntário pode desistir da sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem ter nenhum malefício ou gasto, destacando o anonimato de todas as informações e dados recolhidos.

Por ter a participação de sujeitos menores de idade, a pesquisa foi apresentada aos responsáveis no ambiente escolar através de uma reunião, no qual foram assinados o TALE, tornando assim, legível o consentimento para realização desta pesquisa. Outro procedimento ético adotado foi à submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do HUAC, que assegura e defende a integridade dos participantes voluntários nas pesquisas. No qual foi aprovado no dia 01 de agosto de 2019 sob nº do parecer 3.480.597.

As observações, diário de bordo e a transcrição da entrevista foram realizados preservando o anonimato e privacidade de todos os dados e informações recebidas, de acordo com a Resolução CNS/ N°. 466/2012.

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO**

A pesquisa teve como lócus uma escola municipal de nível fundamental, localizada na cidade de Lavras da Mangabeira – CE, na Mesorregião Centro-Sul Cearense. Esta instituição nomeada por mim como “Escola do futuro” oferece ensino para crianças e jovens do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental, contando com uma média de 990 (novecentos e noventa) discentes matriculados anualmente, divididos em moradores dos bairros próximos a escola e de regiões afastada da zona rural. Os discentes que moram próximos a escola se dirigem, geralmente, acompanhados por seus pais ou responsáveis, enquanto, os que moram na zona rural, utilizam ônibus escolares e/ou são trazidos por irmãos, primos ou algum familiar.

As observações foram realizadas na sala de aula do 1º ano “A” do turno da tarde, que contava com um total de 23 (vinte e três) discentes, sendo desses, 13 (treze) meninos e 10 (dez) meninas. O estudo de campo durou 1 (um) mês e resultou em 18 (dezoito) observações, relatadas através de um diário de campo. As observações aconteceram no interior da sala de aula e demais espaços da escola, no qual, os discentes têm contato. Além desses instrumentos, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a docente da turma, orientada por meio de um roteiro de perguntas e gravadas com uso de um gravador de voz, e posteriormente transcritas.

As análises estão divididas em três tópicos: Entre os muros da escola, abismos entre meninas e meninos; Sexismo no ambiente escolar: como e onde?; Artefatos infantis: o que é de meninas e o que é de meninos?

### **4.1 Entre os muros da escola, abismos entre meninas e meninos**

Este momento será utilizado para analisarmos as relações de gênero no ambiente escolar, utilizando como base as observações realizadas na escola e o diário de campo construído a partir destas. Neste intuito, serão apresentadas, neste momento, situações registradas no cotidiano da escola que fazem referência as relações que meninas e meninos apresentam neste espaço, sendo analisadas a luz do nosso referencial teórico. As relações entre meninas e meninos no ambiente escolar iniciam desde a entrada da instituição escolar e se entendem até a saída deste ambiente.

Ainda antes de adentrar os portões da escola a existência de diversos grupos formados por crianças e jovens na entrada da escola, esperando a abertura dos portões. Além

desses, estavam sempre presentes, pais, responsáveis, moto taxistas e pequenos comerciantes. Nesta espera, é comum observarmos que a maioria das crianças e jovens, se agrupam para conversar e brincar enquanto a entrada não era permitida. Nessa formação, percebemos que as crianças se dirigem a grupos compostos pelo mesmo gênero que o seu, o que consequentemente, se estende em todos os momentos dentro da instituição escolar.

Em sala de aula, os primeiros que chegam, iniciam a formação dos grupos, marcando sua carteira com seus materiais, sendo que, se esta discente for do gênero feminino, ela orienta onde as demais meninas que chegarem após a primeira, sentarão. Os discentes do gênero masculino, tendem a formar seus grupos de convívio dentro de sala, a partir dos participantes nas brincadeiras da hora do recreio. Vale destacar ainda, que há discentes dispersos dos grupos, que sentam-se, geralmente nas extremidades da sala.

É na sala de aula onde fica mais visível as formas de organização de meninas e meninos. É de fácil percepção a forma diferenciada destes viverem e conviverem o/no ambiente escolar.

Diante dessas separações e diferenciações nas maneiras que meninas e meninos convivem, Moreno (1999), afirma que estas acontecem, pois, existe uma reprodução de padrões de conduta para meninas e meninos, reproduzidas diariamente no meio social, através da cultura nas instituições existentes, tidos como inatas e verdades irreversíveis. Estes padrões acabam colocando mulheres e homens em posições distintas, os separando e determinando o que cada um deve fazer.

Esses padrões são reproduzidos cotidianamente desde que nascemos, pois somos induzidos a pensar conforme o que a sociedade e cultura denominam como natural e necessário, desta maneira, entende-se que nenhum dos nossos pensamentos são totalmente originais, pois vão de acordo com os conhecimentos já existentes sobre fatos e conceitos, sendo portanto, transmitidos inconscientemente através dos anos (MORENO, 1999). Neste sentido, tais comportamentos e divisões entre meninas e meninos são facilmente encontrados e identificados nos diferentes espaços e instituições, graças a esses modelos estabelecidos para cada um dos gêneros e a valorização desses no meio social, cultural e econômico.

Esta divisão é acentuada e substanciada de diferentes formas, constituindo assim a escola, em um território marcado pela diferenciação entre os gêneros e a reprodução do padrão que meninas e meninos devem seguir. Essa diferenciação é constatada na escola em todos os momentos, desde a chegada a sala de aula, nos intervalos e nas atividades desenvolvidas.

Podemos observar, neste ambiente que essas divisões também acontecem em diversos setores e sujeitos, além da perspectiva do gênero, entre eles estão as relações: discentes, docentes, gestão e funcionários; gestão e discentes; docentes e discente; discentes mais velhos e mais novos; dependências administrativas e salas de aula; banheiros femininos e masculinos; dentre outras. Extrapolando assim, os próprios limites da sala de aula e se constituindo em todo a delimitação da escola. De acordo com (LOURO, 2003), isso acontece, pois, a escola entende essas divisões e as (re)produz diariamente, sendo uma instituição distintiva e hierárquica desde a sua constituição. Essas divisões, neste espaço, portanto, acabam sendo reproduzidas e legitimadas cotidianamente, tornando-as assim, entendidas como “naturais”.

As relações de gênero, apresentam-se na escola com divisão acentuada, como descrevemos anteriormente, a própria geografia do espaço escolar demonstra os processos de agrupamento dos discentes demarcados pelo sexo. Neste sentido, observamos e registramos esta cartografia escolar ao longo do campo.

No quadro 01 – Espaços ocupados em sala de aula, o símbolo astrológico que representa o planeta marte, refere-se ao gênero masculino e o símbolo que representa o planeta vênus referem-se ao feminino. Vejamos:

**Quadro 1 – Espaços ocupados em sala de aula**

Quadro branco/ Carteira da docente				
♀	♀	♂	♂	♀
♀	♂	♂	♂	♀
♀	♀	♂	♂	♀
♀	♀	♂	♂	♀
♀	♂	♂	♂	♂
♀ Meninas		♂ Meninos		

Fonte: arquivo pessoal.

Como podemos observar no quadro 01, as meninas ocupam com maior frequência o lado direito da sala e se organizam em fileiras, estando presentes nas extremidades da sala. Os meninos, por sua vez, ocupam com maior frequência o centro da sala, estando mais próximos a docente.

Na nossa compreensão a formação destes grupos, é baseada na oposição entre os gêneros, as demarcações a partir do gênero se estendem também nos comportamentos.

A maioria das meninas em seus diálogos com as outras meninas, afirmavam que seus familiares não queriam que elas participassem de brincadeiras com os meninos, pois corriam um grande risco de se machucarem, além disso, não podiam se comportar mal na sala, tendo que fazer as tarefas e participar das atividades em sala de aula (DIÁRIO DE BORDO, 2019). Nestes diálogos, foi possível identificar que os adultos e responsáveis pelas crianças lhe passam orientações de acordo com o gênero que esta possui, fazendo com que, as crianças se comportem da maneira que estes ditam como natural ou certa para seu gênero. O cumprimento dessas orientações extrapolam os próprios limites da sala de aula e se instauram em todo espaço da escola, desde as brincadeiras, a produção das tarefas, o comportamento nas filas, a forma de sentar etc., fortalecidos pela docente e membros da gestão através dos seus discursos e práticas.

A instituição escolar em suas práticas diárias e discursos, produz e reproduz esses padrões e estereótipos, sendo assim, estas formações e agrupamentos são tidos como inatos. Neste sentido, Louro (2003) afirma que, "Tal 'naturalidade' tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas". (p. 56). Nota-se assim que, neste ambiente a naturalidade acontece tendo como base o que socialmente é designado para meninas e meninos, atuando, portanto, como uma espécie de venda e recusa para estas divisões.

Meninas e meninos, assim, são condicionados a reproduzir discursos culturalmente construídos, que ditam de que maneira estes devem se comportar e se relacionar em si. Segundo Auad (2006, p.19),

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas.

Neste sentido, as características e comportamentos, padronizados, definidos, (re)produzidos e retroalimentados a partir da definição de papéis masculinos e femininos, tendo como base o sexo biológico, através da cultura nas diferentes instituições, como a família, escola e igreja, se tornam claramente perceptíveis a partir do entendimento do gênero como uma categoria socialmente construída e naturalizada/valorizada ao longo dos anos. Fazendo assim, com que desvendássemos o gênero, como uma categoria eminente nas relações sociais e de poder que diferencia mulheres/meninas e homens/meninos.

Outro fato importante é que, apesar da turma possuir um número superior de meninas, de acordo com o (QUADRO, 01), os meninos acabam ocupando maior espaço, isso acontece por que as meninas ao chegarem a sala de aula e escolherem uma carteira para ficar, permanecem no mesmo local durante o restante do dia. Os meninos, ao contrário, passam a maioria do tempo em pé e percorrem quase todos os espaços da sala de aula, chegando muitas vezes a mudarem de carteiras diversas vezes em um dia. Essa ocupação está presente em todos os ambientes da escola, a escola, fisicamente, é dominada pelos meninos.

Essa dominação e superioridade dos homens/meninos são reproduzidos e estimulados diariamente em todos os espaços sociais, graças ao que chamamos de androcentrismo e patriarcado. Conforme Moreno (1999),

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo (p.23).

O patriarcado, assim como, o androcentrismo também se refere à concepção de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, estando constituídas na cultura e nas instituições, concepções estas disseminadas cotidianamente de maneira natural e tida como “verdade” absoluta (TIBURI, 2018). A escola, assim, como uma instituição ocupada e constituída de preceitos socialmente e culturalmente construídos e (re)produzidos cotidianamente, acaba acentuando tal hierarquia em todo seu espaço.

Observamos no decorrer das aulas que, os meninos poucas vezes foram repreendidos, havia um certo clima de permissividade aos garotos, que transitavam livremente pelos ambientes escolares durante as aulas, nos pareceu que os meninos “podiam fazer tudo”. O mesmo não era comum as meninas, estas foram acudadas várias vezes, orientadas a ficarem em seus lugares, sentadas e em silêncio. Além das mudanças e da movimentação dos

meninos dentro e fora da sala de aula, é perceptível a diferença, nos tratamentos destes em relação às meninas pela docente, coordenadora e funcionários da escola.

Ao encontrar algum menino fora da sala, membros da escola e a própria docente, na maioria das vezes o orientava a voltar para sala de aula, relatando sempre a importância do aprender ou oferecendo trocas. Os meninos, por sua vez, geralmente, não obedeciam, ignorando, portanto, as *autoridades* escolares, mesmo desobedecendo às ordens, os meninos, não recebiam qualquer tipo de punição. As meninas, por outro lado, eram fortemente repreendidas e ameaçadas. Dentre as ameaças estão os avisos às mães ou responsáveis, bem como, rebaixar notas das disciplinas escolares.

No desenvolvimento das atividades didáticas em sala de aula, essas distinções também aconteciam. As meninas possuíam cadernos mais organizados e faziam todas as tarefas propostas pela docente, participando de forma ativa nas exposições dos conteúdos, e quando não participavam, eram cobradas. Os meninos, pelo contrário, poucos se preocupavam com a resolução das atividades e com a participação nas exposições realizadas pela docente, iniciando muitas vezes a atividade e desistindo para conversarem com outros colegas ou irem brincar, além de atrapalhar por diversas vezes o desenvolvimento das aulas. O que para nós resulta nas diferenças que estas meninas e meninos apresentaram em relação aos níveis de desenvolvimento e aprendizagem, bem como, as notas nas avaliações realizadas nas disciplinas.

Os meninos, nas dinâmicas em sala de aula, conseguiam deter mais atenção do que as meninas em relação a docente, falavam mais alto e percorriam todos os espaços, ganhavam destaque pela indisciplina e pelos conflitos criados com outros meninos, resultando assim, no recebimento de maior atenção pela docente. As meninas também conversavam, só que ao contrário dos meninos, essas se comunicavam em níveis inferiores de sons e ruídos, essas conversas, geralmente, eram realizadas com outras meninas das carteiras próximas, fazendo com que, não houve muita movimentação destas em sala de aula, chamando a atenção da professora somente nos momentos em que necessitavam de explicação e para resolver algum conflito. Nestas relações, os meninos eram chamados atenção pela indisciplina e construção de conflitos e as meninas em relação ao cumprimento das atividades e participação nas resoluções. Segundo (AUAD, 2006), a tomada da palavra por parte dos meninos e a liberdade tida dentro e fora da sala de aula, caracteriza como uma tomada de poder pelos meninos. Fazendo com que, as meninas se retraíam diante da falta de importância e atenção nas suas ações.

E evidente que estes comportamentos não são naturais para meninas e meninos e sim construções sociais. No entanto, em conformidade com os estudos realizados por Daniela Auad (2006, p. 44), esta afirmação acontece pois

[...] Homens e meninos teriam, por uma série de fatores, maior facilidade em recusar autoridade porque, de vários modos, esse é um comportamento mais aceito, ou quase esperado, dos seres que possuem pênis. [...] Essa recusa espacial da autoridade da professora pode ser percebida como uma maneira de exercer certa independência e autonomia. E, por vezes, as professoras acabam considerando esse fato uma manifestação desejada e necessária de masculinidade. Algo que gira em torno do popular “menino muito quietinho é porque está doente.

Alguns destes fatores acontecem mediante o que vem sendo naturalizado nos comportamentos do gênero masculino. Neste sentido, torna-se comum e esperado que meninos se comportem desta maneira em todos os espaços, incluindo a escola. Entretanto, estas características não são atribuídas às meninas, que ao “[...] buscar autonomia e independência, ou mesmo se distanciar espacialmente dos adultos, podem ser atitudes percebidas como algo que não combina com o feminino”. (Idem, 2006, p. 45). Reforçando assim, a ideias que as meninas devem ser mais disciplinadas, quietas e meigas, pois a agressividade, a inquietação e o uso da força não combinam com atitudes para seu gênero. Atitudes iguais as citadas acima são comuns no ambiente escolar, fazendo com que cada vez mais as diferenças entre meninas e meninos, sejam acentuadas e caracterizadas como sexismo.

Nas brincadeiras, as meninas buscavam evitar o desenvolvimento de esforços ou força física, optando por conversar com as demais ou ficar observando os outros/as brincando, haviam algumas que brincavam com outras meninas de “João atrepa”, brincadeira semelhante ao pega-pega, mas, ainda assim, evitavam correria, movimentos e grandes saltos.

Os meninos, pelo contrário, optam por brincadeiras que envolvam algum tipo de luta, empurrões, chutes e esforço físico, dentre as brincadeiras estavam, futebol, polícia e ladrão, pega-pega, João-atrepa e também a realização de acrobacias (estrelinhas, ficar de cabeça para baixo na parede). Cabe destacar que, na hora do recreio algumas mães das meninas, veem acompanha-las na hora do intervalo, elas ficam, apenas sentadas olhando as demais crianças brincando. Segundo a docente, esta medida é justificada pelas mães pelo medo das suas filhas se machucarem ou algum menino “mexer” com elas.



Observando a rotina escolar que meninas e meninos tinham diariamente, percebemos que as formações marcadas pelo gênero não aconteciam de forma natural e sim pela reprodução de estereótipos de gênero que culturalmente são transmitidos a meninas e meninos, tendo como base suas diferenças biológicas, ou seja, embasadas em sua genitália. Condicionando assim, meninas e meninos a manterem características atribuídas ao feminino e masculino como algo inerente a mulheres e homens.

Diante das diversas situações descritas neste tópico, podemos, portanto, constituir as relações de gênero no ambiente escolar como algo presente em todas as práticas, discursos e ações que acontecem nesse meio. A escola, portanto, reproduz e justifica diariamente os papéis sociais construídos acerca do feminino e do masculino, caracterizando-a assim, em uma instituição que defende e institui relações de poder, as reforçando e legitimando através das suas práticas.

#### **4.2 Sexismo no ambiente escolar: como e onde?**

Neste momento, aferimos esforços para analisar e investigar como e de que maneira o sexismo está presente no ambiente escolar, tendo como base as observações realizadas, o diário de campo e uma entrevista semiestruturada realizada com a docente responsável pela turma do 1º ano “A” do turno da tarde. A docente possui formação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia e ministra há dez anos aulas nas turmas do 1º ano do ensino fundamental.

O ambiente escolar, como foi enfatizado no tópico anterior é marcado por uma acentuada diferenciação entre a maneira que meninas e meninos se desenvolvem, formam grupos, brincam e convivem juntos. Essas diferenças podem ser explicadas a partir dos padrões construídos e reproduzidos culturalmente para meninas e meninos, que ditam de que forma estes devem se comportar, vestir e gostar, tendo como justificativa a diferença nas características biológicas que a criança ou jovem possui. Ao longo dos anos esses modelos foram valorizados e firmados como naturais e imutáveis pela maneira que foram e são proferidos historicamente. Apesar dessa divergência de tratamento entre crianças e jovens do gênero feminino e masculino, temos também, o reforço em manter esses padrões intactos e concretos.

Observando a rotina da escola durante a entrada e permanência no campo de estudo, foi possível identificar fatores associados ao gênero feminino e masculino de diversas

maneiras. De início é importante destacar a organização do espaço e seus ideais proferidos cotidianamente, através de cartazes, murais e ilustrações. No trajeto realizado dentro da escola até a sala de aula são encontrados

[...] diversos murais e painéis contendo ilustrações, que mostram crianças brincando com livros, em jardins e parquinhos, nestes murais as meninas são representadas com as seguintes características: **cabelos longos, laços no cabelo, vestidos nas cores rosa e vermelho e calçados rosa e vermelho. E os meninos: cabelos curtos, camisas de manga e shorts nas cores amarelo e azul e calçados nas cores marrom e bege** (DIÁRIO DE BORDO, 2019, p. 04, grifo nosso).

Essas representações realizadas pela escola seguem os modelos fixados para meninas e meninos ao longo do tempo no meio social, fortalecidos cotidianamente através de discursos e práticas, como da então Ministra Damares Alves que acentua em seus discursos a atribuição de modelos diversos para meninas e meninos, mostrando e orientando assim, os tipos de vestimentas, acessórios e cores que meninas e meninos devem usar. Além dos corredores, na sala de aula também existem diversos cartazes ilustrados com representações de crianças, entre eles estão,

[...] painel de “combinados”, ilustrado com imagem de **uma menina com vestido e laço nos cabelo cor de rosa**, contendo as seguintes frases “esperar sua vez de falar”, “não jogue lixo no chão”, “organizar os materiais”, “respeitar os colegas, professor e funcionários”, “prestar atenção”, “esperar os materiais” e “manter a sala organizada”. E outro de “palavras mágicas”, ilustrando também, com **uma menina de vestido vermelho e um laço no cabelo**, portando palavras como “bom dia”, “boa tarde”, “Boa noite”, “com licença”, “por favor”, “desculpa” e “posso ajudar” Na parte de trás, contém um “cantinho da leitura” com detalhes em EVA azul, flores, **uma menina de vestido amarelo, laços no cabelo e um menino, camisa azul, cabelo curto e boné** (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, p.05. Grifo nosso).

Como podemos observar as ilustrações que estão alocadas em todos os espaços que constituem o ambiente escolar, seguem um mesmo modelo padrão para representar meninas e meninos. Nota-se assim que, além da escola atribuir vestimentas, gostos e cores as meninas e meninos, essa instituição também dita comportamentos a serem seguidos por estes. Vejamos que, os painéis denominados como “combinados” e “palavras mágicas” é representado através das ilustrações realizadas de meninas, enquanto os meninos só aparecem no mural da leitura, com seu boné, cabelo curto e camisa azul. Reproduzindo assim, modelos que determinam que as meninas devam ser bem-educadas, atenciosas, dedicadas e organizadas, enquanto os

meninos são por natureza, mal-educados, desatenciosos, preguiçosos e desorganizados. Nesta perspectiva, Moreno (1999), afirma que,

Ao ingressar na escola, meninas e meninos já sabem muito bem qual é sua identidade sexual e quem é o papel que, como tais, lhe corresponde, ainda que não muito claro alcance e o significado deste conceito, assim como o de tantos outros. A escola colaborará eficazmente no esclarecimento conceitual do significado de ser menina e fará o mesmo com o menino. Não fará, porém, sempre de maneira clara e aberta, na maioria das vezes de forma dissimulada ou com certeza arrogante daquilo que, por ser tão evidente, não necessita sequer ser mencionado nem muito menos explicado. (p.16)

A escola, neste sentido, dissimula e transmite tais modelos de maneira proposital e silenciosa, através da sua organização, do uso da linguagem e dos tratamentos diferenciados para meninas e meninos, incluindo todo o corpo que a conduz como a gestão, funcionários/as e principalmente os docentes. As ilustrações relatadas de crianças e jovens neste ambiente, são somente umas das características que consideram a escola como desenvolvedora de uma educação sexista e reprodutora de condutas hegemônicas.

Outro fator que caracteriza a diferença entre meninas e meninos é observado nos uniformes utilizadas por estas crianças. De acordo com a gestão escolar, o uniforme padrão para as crianças do fundamental I é: camisa manga curta e short-saia para as meninas e camisa manga curta e short no joelho para os meninos, tendo cor predominante o branco e o azul, sendo distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação (SME) para todas as escolas do município. No entanto, esse padrão não é formalmente seguido e diversos alunos/as permanecem sem qualquer tipo de fardamento. Como podemos ver o diferencial entre os uniformes de meninas e meninos é o uso da saia nas meninas e o uso do short pelos meninos, mais uma vez, o mesmo padrão é seguido para diferencia-los.

A linguagem proferida e utilizada nos discursos realizados na escola, determina outro fator pela qual a escola realiza e desenvolve uma educação sexista. Expressões consideradas como masculinas eram a todo o momento, observados nas falas de professoras/es dentro e fora da sala de aula, desconsiderando a quantidade de meninas/os nos espaços, utilizando assim, uma linguagem masculina para se referir a todos, entre as expressões estavam, “os alunos que não terminaram as tarefas não vão sair para o recreio”, “eles estão impossíveis hoje”, “vamos meninos, hora do recreio”. Sobre o uso da linguagem (LOURO, 2003) destaca que,

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente — tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito "natural". [...] a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (p.65).

O uso da linguagem consiste assim, em um poderoso instrumento para fixação de padrões de conduta que diferencia mulheres e homens, pois é realizada silenciosamente e de forma naturalizada, além disso, institui e legitima as relações de poder, demonstrando a superioridade constituída socialmente do gênero masculino sobre o feminino. Dessa maneira, podemos refletir ainda, sobre a inclusão ou não das meninas nesses discursos.

A educação sexista, deste modo, se constitui de forma silenciosa e natural nas práticas diárias realizadas na escola. Pensando nisso, organizamos um roteiro de entrevista que contemplassem dúvidas e questões referentes ao sexismo e a educação sexista dentro do ambiente escolar. Ao realizarmos a entrevista perguntamos a professora Maria o que ela entendia por sexismo, ela nos relatou que,

*Eu entendo que sexismo, ele acontece, em todos os lugares, a resistência entre homem e mulher, o sexismo entre, quando uma pessoa é lésbica, sempre tem um preconceito, embora eu não tenha, mais sempre existe e começa já de pequeno, os pais já começam a colocar os filhos para ter esse tipo de preconceito, ensinando com o que ele deve brincar, as cores que deve vestir, os tipos de roupa, a não gostar de outro menino ou de outra, meninas, que é errado. [...] a criança não nasce preconceituosa, quem passa o preconceito são os pais. **É uma questão cultural, que vai passando de geração em geração** (PROFESSORA MARIA, 2019, p. 01, grifos nosso).*

Como podemos notar na fala da docente, esta não possui com clareza conhecimento acerca dos conceitos sobre sexismo, confundindo-o em diversos momentos com questões referentes à sexualidade, no entanto, compreende que este é um tipo de discriminação que acontece na realidade, sendo disseminado por várias pessoas, estando repassado historicamente de geração em geração através da cultura e nas famílias, chegando conseqüentemente à escola. Enfatizando ainda que, as crianças não nascem preconceituosas, mas são corrompidas e ensinadas de acordo com os valores que são proferidos pela família, tornando-os assim, preconceituosos.

A falta de conhecimento sobre o sexismo e as dúvidas também aparecem quando indagamos sobre o que a mesma entendia sobre gênero, elas nos respondeu que “Gênero é a

personalidade da pessoa não é. Na gramática é usado para diferenciar o masculino do feminino. [...] é um termo para diferenciar o masculino do feminino” (Professora Maria, 2019, p. 02). Verifica-se assim, que existem diversas dúvidas em torno de termos como sexismo, gênero e sexualidade por parte da docente.

O fato da docente não compreender os conceitos sobre sexismo, gênero e sexualidade, representa a falta de discussões desenvolvidas sobre estas temáticas nas instituições escolares. Esta falta de discussões são um reflexo da não inclusão do gênero em documentos que norteiam e normatizam a educação básica como o PNE (2014-2024) e a BNCC (2017). Construídos a partir de extremas lutas e debates que destacava a ação de grupos conservadores no campo político e da bancada cristã, que se diziam contra a chamada ideologia de gênero, defendendo assim, padrões a serem seguidos por homens e mulheres, no qual, a mulher ocupa posição de inferioridade. Culminando assim, na retirada das discussões sobre gênero e relações de gênero destes documentos, não havendo assim, qualquer preocupação ou incentivo para diminuição de desigualdades em relação ao gênero.

Apesar de ressaltar que existem discriminações presentes no ambiente escolar, ao ser questionada sobre como compreende a educação sexista, a docente afirma que, “Eu acredito que na educação não exista, eu acho que não, porque assim, as meninas brincam de bola, brincam com os meninos, não acontece. Na sala eu procuro sempre juntar, para que não aconteça esse tipo de preconceito, tem que juntar os gêneros” (Maria, 2019, p.01). Diante disso, nota-se que há contradições no discurso realizado pela docente, enfatizada pela negação que exista sexismo na educação, além disso, esta ressalva que ao propor atividades onde meninas e meninos se agrupem ou façam algo fora do que determina os padrões os descontruam.

Neste sentido, podemos refletir em como a formação das chamadas escolas mistas, atuam na quebra de padrões para meninas e meninos no ambiente escolar. Nesta perspectiva, concordamos com Moreno (1999, p.30) quando afirma que, “[...] Quando meninas e meninos chegam à escola, já têm interiorizada a maioria dos padrões de conduta discriminatória. Mesmo que tenhamos escolas mistas e que meninas e meninos sentem-se ao redor das mesmas mesas, na hora do recreio os meninos jogam com os meninos e as meninas com as meninas”.

Nas observações realizadas no cotidiano da sala de aula, quando da realização de atividades em grupos, imediatamente, meninas e meninos se agrupavam de maneiras diferentes, necessitando, a intervenção da docente para a formação de grupos mistos, nesta

formação os meninos demonstravam recusa ao formar grupos com meninas. No entanto, nos horários de atividades livres e nos intervalos a mesma formação que divide meninas e meninos é vista na maioria dos grupos. Além disso, vale destacar que, mesmo a docente tentando minimamente a junção entre meninas e meninos, tais práticas são descaracterizadas quando esta passa a tratar meninas e meninos de acordo com os padrões e modelos estabelecidos socialmente para cada um.

Durante a aula é possível verificar que, essas divisões são acentuadas nas práticas desenvolvidas pela docente, quando em diversas atividades divide meninas e meninos para exemplificações de conteúdos, interpretações de textos e para leituras. As meninas, nestes casos, demonstram felicidade e organização para realizar as atividades, sendo que normalmente, prestam atenção durante toda aula, já os meninos não costumam demonstrar mínimo interesse pelas tarefas.

Em uma dessas ocasiões, a professora dividiu a sala em dois grupos, meninas de um lado e meninos do outro, para lerem um texto, enfatizando que, no momento das meninas estivessem lendo, somente estas poderiam participar e da mesma forma quando fosse à vez dos meninos. A leitura inicia com os meninos lendo os primeiros trechos do texto, durante a leitura, percebe-se pouca participação dos meninos, ao perceber a falta de participação, a docente para a leitura exclamando que, “Os meninos que não começarem a lê vão usar saia para dançar”, ao escutarem a professora, imediatamente, os meninos, mesmo os que não dominam ainda a leitura passaram a interagir no momento da leitura. Ainda na vez dos meninos, algumas meninas passaram a lê juntos com eles, e foram repreendidas pela professora que falou que “As meninas que estão lendo na vez dos meninos, vão ficar todas com bigode, vocês querem ter bigodes?”, fazendo assim, com que as meninas ficassem aguardando sua vez de lê.

Diante dessas situações, é possível perceber a existência de controles de comportamento a partir do medo e punição das crianças ao sair de determinados padrões, visando à participação efetiva nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Percebe-se que, a forma que a professora se dirige a meninas e meninos estão nitidamente de acordo com os modelos assim estabelecidos pela diferença de gênero. A professora atribui características biológicas, como o bigode encontrado na maioria dos homens as meninas que participam na vez dos meninos e o uso da saia como vestimenta para punição dos meninos que não participarem da atividade. Tais práticas nos mostram assim, que de fato a educação sexista

está presente na sala de aula e é acentuada no desenvolvimento de atividade pela ação dos docentes.

Em outros momentos, é possível perceber que além das divisões, existem tratamentos desiguais com as meninas e os meninos. Diante disso, foi perguntando na entrevista, de que maneira a docente tratava os meninos e em seguida como esta trata as meninas, a docente relatou que,

**Na rotina da sala de aula, como a senhora trata os meninos normalmente?** Eu procuro trata-los bem, com carinho, ensinando a eles, eu sei que a gente tem regras, mostrando a eles o que é certo e o que é errado, mais tendo regra, procuro trata-los bem e ensinar a eles, de forma clara, lúdica. **E as meninas, como a senhora trata?** As meninas eu trato do mesmo jeito, as meninas são até mais quietas (risadas), é mais fácil lidar com as meninas. Elas são mais quietas, mais maleáveis, se preocupam mais, faltam menos e participam mais e também fazem mais as atividades. (PROFESSORA MARIA, 2019, p.01, grifos nossos).

Apesar da professora afirmar que tratava meninas e meninos da mesma maneira, observamos em diversas situações, desigualdades, quando era cobrada na maioria das atividades a participação efetiva das meninas, enquanto, os meninos poucas vezes foram questionados.

Observamos durante as aulas estes tipos de intervenção. Certo dia, em uma aula de geografia as meninas que normalmente fazem pouco barulho, começaram a conversar em um tom de voz mais elevado que o comum, a docente ao observar tal barulho que estava atrapalhando a sequência da atividade exclamou que, “As meninas estão piores que os meninos danados hoje...”. Fazendo referência, mais uma vez, a figura feminina atrelada a comportamentos suaves, comportados e passíveis, reforçando também a figura masculina dos meninos, como bagunceiros e inquietos. Esse tipo de comportamento de passividade, atenção nas aulas, participação efetiva e frequência em sala de aula das meninas é estimulado como modelo a ser seguido pelas demais crianças, de acordo com a docente, quem fica em silêncio na sala como as discentes princesa Barbie, a princesa Aurora e a Branca de neve aprendem mais sobre os conteúdos ministrados<sup>3</sup>.

Ainda durante a observação, sugerimos a docente no segundo dia de entrada em campo, no início da aula após todos os discentes chegarem e ser realizado a oração de entrada, o desenvolvimento de uma dinâmica junto aos discentes, cujo objetivo foi conhecer as

---

<sup>3</sup> Personagens de filmes, desenhos animados que as criança escolheram para ser representa-las, preservando assim, suas identidades.

crianças, seu nome e idade, mediante a apresentação individual de cada discente e logo em seguida, identificar de que maneira a docente os definia, através de suas características mais fortes e evidentes. Com a aprovação de ambas as partes, a dinâmica foi realizada dentro da sala de aula, com a participação efetiva dos discentes e da docente.

Na ocasião, cada uma das crianças disse o seu nome e idade, enquanto a docente lhe atribuía uma característica que as identificava. Cabe destacar que, a caracterização da docente foi realizada na presença dos/as discentes. Diante disso, foi construído um quadro contendo as informações coletadas através desta apresentação, sendo retirados somente, os nomes reais das crianças. Vejamos:

**Quadro 2 – Apresentação e caracterização das crianças**

Meiga - 6 anos ♀	Paciência - 6 anos ♀	Inteligente - 6 anos ♂	Vagarosa - 6 anos ♀	Vaidosa - 6 anos ♀
Amor - 6 anos ♂	Esperta - 6 anos ♀	Esperto - 6 anos ♂	Gasguita - 6 anos ♀	Inteligente - 6 anos ♂
Linda - 6 anos ♀	Inquieto - 8 anos ♂	Danado - 6 anos ♂	Desatencioso - 7 anos ♂	Organizada - 6 anos ♀
Carinhosa - 6 anos ♀	Dengosa - 6 anos ♀	Preguiçoso - 6 anos ♂	Chorona - 6 anos ♀	Enraivado - 6 anos ♂
Danado - 6 anos ♂	Estudiosa - 6 anos ♀	Vaidosa - 6 anos ♀		

Fonte: arquivo pessoal

Como podemos observar no quadro acima, a maioria das meninas ganharam características consideradas historicamente e culturalmente como femininas, tais como: vaidosa, estudiosa, carinhosa, dengosa, chorona, meiga, vaidosa, gasguita e vagarosa. Enquanto os meninos ganharam características consideradas masculinas como: preguiçoso, danado, inquieto e esperto. Reforçando assim, mais uma vez a separação de comportamentos e características de meninas e meninos.

Meninas e meninos assim, neste ambiente e nos demais que convivem, repetem os padrões e estereótipos que culturalmente são reproduzidas e adequadas para seu gênero, incluindo a oposição às coisas consideradas adequadas ao gênero oposto. Reforçados diariamente pelos/as pais, mães, responsáveis, professores/as, familiares etc. Instituições



como a escola, a igreja e a família, reforçam diariamente estereótipos e padrões que definem as condutas que meninas e meninos devem ter, essa defesa está caracterizada e se expressa de diversas formas, constituindo assim, em uma educação sexista.

### **4.3 Artefatos infantis: o que é de meninas e o que é de meninos?**

Neste terceiro e último tópico, destacaremos a partir das observações e do diário de campo, como os comportamentos individuais das crianças e seus artefatos escolares consubstanciam o sexismo no ambiente escolar.

A escola, como citada nos tópicos anteriores é uma instituição constituída de diversos interesses e reproduz diariamente modelos e padrões definidos para meninas e meninos, que ao longo do tempo, foram repassados pela cultura e tomados como naturais. No entanto, esta instituição, por si só, não é totalmente responsável por esta reprodução, pois tudo que acontece no meio social, acaba consequentemente, influenciando-a e a moldando.

A família e a sociedade do qual fazemos parte, vem reproduzindo ao longo da história papéis distintos para meninas e meninos, constituindo assim, uma grande parcela na naturalização destes modelos, fazendo com que o sexismo esteja contido em tipos roupas, na mídia, nos calçados, nas histórias infantis, nas brincadeiras, nos brinquedos, nos filmes, nos comportamentos, na linguagem, nos modos de agir etc. Chegando, consequentemente na escola.

Desde que o bebê nasce, estes modelos são apresentado pela família ao recém-nascido, define-se a partir da sua genitália, seu nome, as cores das suas roupas, materiais, acessórios e até a cor das paredes do seu quarto. Seguindo assim, os comportamentos que são ditados como corretos e adequados para meninas e meninos. Esses artefatos também são encontrados diariamente no ambiente escolar, em cadernos, mochilas, lancheiras, roupas, calçados, lápis e garrafas. Sendo reforçados através das práticas pedagógicas, das histórias infantis, da organização do espaço, das representações e ideais.

Durante as observações identificamos diversos artefatos, ou seja, objetos pessoais de uso escolar que as crianças carregavam e que representavam o sexismo neste espaço. Como podemos observar logo abaixo, as crianças estão aqui representadas através de personagens de filmes, desenhos animados e profissões, escolhidos por elas para representa-las, preservando assim, sua identidade. Nesta representação, como podemos verificar, os discentes se apresentam de acordo com os modelos estabelecidos para meninas e meninos, ou seja, as

meninas escolheram personagens femininos, enquanto os meninos escolheram personagens masculinos. Vejamos:

**Quadro 3 – Descrição das crianças e seus artefatos**

Menino Personagem: Botas do desenho “Dora Aventureira”	Menina Personagem: Branca de Neve do desenho “Branca de Neve e os Sete Anões”	Menino Personagem: Super Man do desenho “Liga da Justiça”	Menina Personagem: Mulher Maravilha desenho “Liga da Justiça”	Menina Personagem: Princesa Sofia do desenho “Princesinha Sofia: era uma vez”
- Uniforme definido pela escola; - Mochila do desenho “Carros”; - Caderno do desenho “Carros”; - Cabelo curto.	- Uniforme definido pela escola; - Mochila do desenho “Dora Aventureira”; - Caderno Desenho “Princesas”; - Bolsa de lápis (rosa); - Tênis (preto); - Cabelo médio.	- Uniforme definido pela escola; - Mochila do personagem “Capitão América”; - Caderno do desenho “Carros”; - Bolsa de lápis (azul); - Garrafa (azul); - Chinelo (preto); - Cabelo curto.	- Blusa (rosa) e saia curta; - Mochila do desenho “Flozen”; - Caderno na cor rosa; - Bolsa de lápis (lilás); - Garrafa (rosa) - Laço no cabelo (vermelho); - Tênis “All Star”; - Cabelo longo.	- Blusa (branca) e short curto; - Mochila do desenho “Princesas da Disney”; - Caderno “Unicórnio”; - Bolsa de lápis (rosa); - Garrafa (rosa); - Laço no cabelo (rosa); - Chinelo “Bonecas” (rosa); - Cabelo longo.
Menino Profissão: Policial do Ronda de Ações Intensivas e Ostensivas (RAIO), unidade de elite da policia militar.	Menino Personagem: Flash do desenho “Liga da Justiça”	Menino Personagem: Homem-Aranha do desenho Spider-Man	Menino Personagem: Ben 10 do desenho “Ben 10”	Menino Profissão: Vaqueiro responsável por cuidar do gado e que monta em cavalos
- Calça jeans, camisa (farda); - Mochila do desenho “Capitão América”; - Caderno com ilustrações de Motos; - Bolsa de lápis (preta); - Garrafa (azul); - Boné; - Cabelo curto.	- Short jeans, camisa (azul); - Mochila do desenho “Max Steel”; - Caderno do desenho “Carros”; - Bolsa de lápis (preta); - Garrafa (azul); - Tênis (azul); - Cabelo curto.	- Short jeans, camisa (farda); - Mochila (azul escuro); - Caderno ilustrado com um “Leão”; - Chinelo (preto); - Cabelo curto.	- Short jeans, camisa farda; - Mochila do desenho “Pica-Pau”; - Caderno com ilustração de um Pescador; - Chinelo (preto); - Cabelo curto.	- Short jeans, camiseta (azul); - Mochila do desenho “Carros”; - Caderno (preto); - Chinelo (azul); - Cabelo curto.
Menina Personagem: Princesa Aurora do desenho “A Bela Adormecida”	Menina Personagem: Poliana da novela “As Aventuras de Poliana”	Menino Personagem: Homem de Ferro do desenho “Homem de Ferro”	Menino Personagem: Naruto do desenho “Naruto”	Menina Personagem: Princesa Anna do desenho Flozen

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short curto e camisa (farda);</li> <li>- Mochila do desenho “Princesas da Disney”;</li> <li>- Caderno “Unicórnio”;</li> <li>- Bolsa de lápis (rosa);</li> <li>- Garrafa (rosa);</li> <li>- Laço no cabelo (rosa);</li> <li>- Cabelo longo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uniforme padrão;</li> <li>- Mochila do desenho “Lol Surprise”;</li> <li>- Caderno “Unicórnio”;</li> <li>- Bolsa de lápis (rosa);</li> <li>- Garrafa (rosa);</li> <li>- Laço no cabelo (rosa);</li> <li>- Baton (vermelho);</li> <li>- Brinco (dourado);</li> <li>- Cabelo médio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short jeans, camiseta (farda);</li> <li>- Mochila do personagem “Homem de Ferro”;</li> <li>- Caderno do desenho “Carros”;</li> <li>- Bolsa de lápis (preta);</li> <li>- Garrafa (vermelha);</li> <li>- Chinelo (preto);</li> <li>- Cabelo curto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short jeans, camisa (azul);</li> <li>- Mochila do desenho “Homem de Ferro”;</li> <li>- Caderno do desenho “Carros”;</li> <li>- Bolsa de lápis (preta);</li> <li>- Garrafa (azul);</li> <li>- Chinelo do desenho “Carros”;</li> <li>- Cabelo curto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short curto e camisa (farda);</li> <li>- Mochila (azul claro e amarelo);</li> <li>- Caderno com ilustrações de maquiagem;</li> <li>- fita no cabelo (rosa);</li> <li>- Chinela (rosa);</li> <li>- Cabelo médio.</li> </ul>
<p>Menino Personagem: Homem-Aranha do desenho “Spider-Man”</p>	<p>Menina Personagem: Branca de Neve do desenho “Branca de Neve e os Sete Anões”</p>	<p>Menino Personagem: Pica-Pau do desenho “Pica-Pau”</p>	<p>Menina Personagem: Masha do desenho “Masha e o Urso.”</p>	<p>Menina Personagem: Barbie do desenho “Barbie”</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short jeans, camisa (cinza);</li> <li>- Mochila camuflagem;</li> <li>- Caderno com ilustrações de motos;</li> <li>- Garrafa pet (verde);</li> <li>- Tênis (preto);</li> <li>- Cabelo curto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short curto e camiseta (farda);</li> <li>- Mochila do desenho “Princesas da Disney”;</li> <li>- Caderno com ilustrações de pelúcias;</li> <li>- Bolsa de lápis (rosa)</li> <li>- Laço no cabelo (vermelho);</li> <li>- Cabelo longo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short jeans, camisa gola polo;</li> <li>- Mochila do desenho “Carros”;</li> <li>- Garrafa (azul);</li> <li>- Caderno do desenho “Carros”;</li> <li>- Tênis (preto);</li> <li>- Relógio (preto);</li> <li>- Cabelo curto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uniforme definido pela escola;</li> <li>- Mochila do desenho “LOL Surprise”</li> <li>- Caderno com ilustrações de uma menina chamada Kelly;</li> <li>- Chinelo do desenho “Princesas da Disney”;</li> <li>- Cabelo longo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Calça <i>Legging</i> (rosa) com flores e blusa da Cinderela;</li> <li>- Mochila do desenho “Princesas da Disney”;</li> <li>- Caderno do desenho “Princesas da Disney”;</li> <li>- Bolsa de lápis (rosa);</li> <li>- Laço no cabelo (marrom);</li> <li>- Cabelo médio.</li> </ul>
<p>Menina Personagem: Princesa Barbie do desenho “Barbie: Escola de Princesas”</p>	<p>Menina Personagem: Barbie Girl do desenho “Barbie”</p>	<p>Menino Personagem: Super-Man do desenho “Liga da Justiça”</p>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short (azul) e camisa (farda);</li> <li>- Mochila do desenho “Princesas da Disney”;</li> <li>- Caderno com imagens coloridas;</li> <li>- Chinelo (rosa);</li> <li>- Laço no cabelo;</li> <li>- Cabelo longo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uniforme definido pela escola;</li> <li>- Mochila (rosa);</li> <li>- Caderno “Unicórnio”;</li> <li>- Garrafa (rosa);</li> <li>- Tênis (bege);</li> <li>- Cabelo médio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Short jeans e camisa (farda);</li> <li>- Mochila (azul e preta);</li> <li>- Caderno do desenho “Carros”;</li> <li>- Óculos (azul);</li> <li>- Tênis (preto);</li> <li>- Boné cinza.</li> </ul>		

As meninas utilizam vestimentas como, saias, vestidos, shorts finos e jeans acima dos joelhos, calças *leggings*, blusas e camisetas, tendo como cor predominante o rosa e cores claras como lilás e branco, contendo geralmente imagens e figuras de flores, unicórnios, bolinhas, princesas e maquiagem, além de acessórios, como laços, fitas, pulseiras, batom e sombra, garrafas e bolsas de lápis nas cores rosa e vermelho. Os cabelos eram na maioria longos e médios. Os calçados utilizados eram tênis, chinelas e sandálias coloridas, com detalhes, cheios de fitas e amarras, cuja cor predominante era o rosa. As mochilas, na maioria são da cor rosa e apresentam temáticas de personagens e desenhos como, *Dora Aventureira*, *Frozen*, *Princesas da Disney* e *Lol Surprise*. Os cadernos também eram a maioria de personagens e desenhos como, *As Princesas da Disney*, *Unicórnio*, *Kelly* e outros ilustrados com pelúcias, objetos de maquiagem, coloridos e na cor rosa, com folhas enfeitadas na cor rosa.

Os meninos, por sua vez, usavam roupas como, shorts finos e jeans no joelho, calças, camisas gola polo, camisas manga curta e camisetas, cujas cores predominantes eram, preto, cinza, vermelho e verde, com ilustrações de personagens como *Batman*, *Homem-Aranha* e diversos desenhos e rabiscos, além de acessórios como relógios e bonés, nas cores azul e preto, como também, garrafas e bolsas de lápis nas cores preto, vermelho e azul. Os cabelos eram todos curtos. Os calçados utilizados eram tênis, chinelas e sandálias em cores escuras, como preto, azul e cinza e algumas ilustradas com personagens do desenho *Carros*. As mochilas eram na grande maioria nas cores preta, vermelho, azul e camuflagem, representando personagens e desenhos infantis como, *Pica-Pau*, *Homem de Ferro*, *Capitão América*, *Max Steel* e *Carros*. Os cadernos continham imagens e ilustrações variadas, alguns de personagens e desenhos como, *Carros*, *motos*, *leão*, *pescador* e *lobo*, com folhas em linhas pretas e azuis. Como podemos observar tanto as meninas quanto os meninos utilizam roupas, materiais, calçados e acessórios, artefatos que são considerados adequados para seu gênero.

Por serem atribuídas características femininas as meninas, estas utilizam materiais que fazem referência a este padrão, como o uso da cor rosa como predominante, os acessórios ligados aos cuidados com o corpo e beleza como a maquiagem (batom e sombra), laços e enfeites em calçados e nas folhas dos cadernos. Além disso, utilizam vestimentas como vestidos, saias e short acima do joelho, ilustrações ligadas ao feminino. Com os meninos essa atribuição acontece do mesmo modo, ou seja, fazem referência ao gênero masculino, como o uso de cores escuras como predominante em todos os objetos e no uso de acessórios como bonés e relógios e vestimentas como camisas gola polo e calças longas.

Vejamos ainda que, as crianças compartilham de alguns materiais iguais e inerentes a escola, como cadernos, mochilas, bolsas de lápis e garrafas, no entanto, acabam sendo diferenciadas pelas ilustrações, imagens e a cor que caracteriza estes objetos. A maioria das meninas possui como ideais *Princesas da Disney*, *Frozen*, *Dora Aventureira* e outros personagens e desenhos considerados como femininos. Os meninos, pelo contrário, tem como referência personagens masculinos como: *Homem de Ferro*, *Capitão América*, *Max Steel*, dentre outros.

Além destes artefatos, algumas crianças também contavam com alguns brinquedos, os meninos levavam carros e bonecos de personagens como o *Homem-Aranha* e as meninas bonecas, parecidas com recém-nascidos. Estes brinquedos também refletem tais estereótipos, orientando o lugar de meninas e meninos na sociedade. Nesta perspectiva, Nascimento (2016), traz que

Os brinquedos disponibilizados e referenciados pelos adultos para as crianças são carregados de valores e preconceitos da cultura patriarcal. Por exemplo, os pais não permitem que seus filhos brinquem com brinquedos que não sejam “adequados” ao seu gênero e proíbem que os meninos brinquem com bonecas. Incorporam, assim, no cotidiano das crianças, os brinquedos que são destinados às meninas e aqueles destinados aos meninos, simbolizando os papéis hierárquicos entre homem e mulher, nos quais o masculino exerce a dominação sobre o feminino (p.298).

Neste sentido, podemos refletir sobre como o uso dos brinquedos reproduzem os papéis e modelos fixados para homens e mulheres, assim como, as relações de poder empregadas nas divisões de tarefas e profissões. Estas influências são tão fortes que, no uso destes brinquedos, percebemos que as meninas adotam papéis de donas de casas, que precisam cuidar dos seus filhos e das tarefas domésticas, enquanto os meninos que também aderem a esta brincadeira desempenham papéis diferentes, como pais, seguranças ou motoristas, sempre na figura masculino que sai para trabalhar para manter a família. Enquanto as brincadeiras desenvolvidas com os bonecos retratam lutas e batalhas contra vilões ou a proteção de mulheres indefesas. Nestas brincadeiras, percebemos que a figura masculina aparece como superior a figura feminina, que necessitam assim, de alguma proteção e demonstram dependência.

A ideia de proteção e dependência das meninas também é identificada na escola diariamente através de ações e discursos de discentes, como por exemplo, em uma discussão entre os alunos *Branca de Neve e o Super-Man*, que reclamava que este tinha batido e

empurrado sua carteira, este irritado com as reclamações feitas por *Branca de Neve* levantou a mão para bater nela, ao observar aquela discussão, o *Homem-Aranha* entrevistou falando que “Se você quiser brigar vai ser comigo. Ei tia, eu protejo as mulheres, homem não bate em mulher, quem bate em mulher é covarde...” (Diário de campo, 2019, p.25), fazendo com que, o *Super-Man*, imediatamente, baixasse a mão e saísse de perto de *Branca de Neve*. Na fala do *Homem-Aranha*, o entendimento do homem como superior e mais forte que a mulher aparece nítido, quando este afirma que as mulheres precisam ser protegidas, estas atitudes demonstram assim, o que é colocado socialmente para meninas e meninos.

Apesar da escola ser um ambiente que adere e reproduz os modelos culturalmente definidos para meninas e meninos, os materiais e artefatos relatados logo acima, são trazidos até este espaço pelas crianças, adquiridas através das suas famílias, que reproduz tais modelos graças a cultura patriarcal que temos instaurada no meio social. De acordo com Nascimento (2016),

É na família que se inicia a “domesticação” de meninas e meninos, e assim vão sendo desenhados os papéis do que é ser homem ou mulher, nomeados a partir de supostas diferenças biológicas. Assim, determinam um lugar como referência, na cultura hegemônica patriarcal, que cria relações materiais e representações simbólicas do lugar do homem e da mulher na sociedade, imputando posições que estes devem assumir de acordo com o sexo, afirmando a suposta “diferença natural” para estabelecer atribuições e deveres, consideradas “femininas ou masculinas”. Nesses contornos, a família é a primeira instituição que nos coloca em contato com o mundo e, por meio dela, apreendemos a primeira forma de classificar e conceber o mundo (p. 299).

A família, neste entorno, possui um papel determinante na fixação destes modelos, pois apresenta a criança, de que forma esta deve se comportar, apresentando o que é considerado como certo e errado no seu comportamento, seu lugar na sociedade na divisão social do trabalho, assim como deve se relacionar com outras meninas e meninos. Esta influência foi observada diariamente no espaço escolar e percebida através das conversas dos discentes com outros colegas e apontamentos de mães e pais.

A aluna *Branca de Neve*, por exemplo, permanecia durante os intervalos sentada num banquinho com as alunas *Princesa Anna* e a *Princesa Sofia* na companhia da sua mãe ou do seu pai. Segundo sua mãe, eles vêm nos intervalos para verificar se *Branca de Neve* fica correndo nos intervalos ou brinca com os meninos, afirmando que tem medo que ela se machuque. No entanto, durante a segunda semana de observação, foi informado a professora

que a mãe de *Branca* fraturou o pé e por isso, não podia vim deixar ela na escola, muito menos acompanha-la nos horários de intervalo e que seu pai, por está trabalhando também não poderia vir. Apesar da mãe e o pai não virem durante os intervalos, *Branca de Neve* continuou com os mesmos comportamentos, pois foi orientada em casa a não brincar com os meninos.

Como podemos observar, a orientação realizada pelas famílias, fazem com que as meninas deixem de desenvolver brincadeiras e determinados comportamentos que são considerados de meninos, como correr, pular e brincar nos horários de intervalo. Vale destacar que, além da *Branca de Neve*, observamos esse tipo de orientação com outras meninas, como a *Barbie Girl*, *Barbie*, a *Princesa Barbie*, *Poliana*, *Masha e a Mulher Maravilha* que durante alguns dias, começaram a brincar com os meninos nos intervalos de “Polícia e ladrão”, porém, outros colegas ao identificarem conflitos e brigas com empurrões, tapas e socos, avisaram aos pais e responsáveis das meninas, que elas estavam brincando com os meninos.

As alunas *Princesa Barbie e a Barbie* foram as primeiras a comunicarem as outras meninas que não iriam participar da brincadeira, pois, suas mães proibiram que elas brincassem com os meninos. No intervalo, novamente acontece à brincadeira, no entanto, nenhuma das duas continuou participando. Diante disso, concordamos com Finco (2003), quando afirma que, as crianças não possuem condutas sexistas, estas apreendem no meio social no qual estão inseridas, sendo, portanto, “[...] os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro” (Idem, 2003 p. 95). Ignorando assim, as escolhas destas crianças, bem como, as limitam para pensar desta maneira.

Outro fato importante se constituiu no tempo que determinados modelos e orientações estão presentes na vida destas crianças.

Foi observado, no último dia de permanência no campo de estudo uma comemoração intitulada como “tarde de diversão”, apresentação esta organizada pelas professoras do fundamental I em conjunto com a gestão escolar em comemoração a chegada do dia das crianças. Na oportunidade, participaram todas as turmas do período da tarde que faziam parte do fundamental I, ou seja, turmas do 1º ao 5º ano, reunindo-as nos corredores fora da sala de aula.

Dentre as atividades desenvolvidas estavam, brincadeiras de roda, como “atirei o pau no gato”, no qual, as crianças deveriam sentar nas cadeiras quando a música parasse, no

entanto, sempre tinha uma cadeira a menos, resultando assim, na eliminação de um discente por rodada, ganhando aquele/a que permanecesse sentado na última cadeira. A corrida de saco, que consistia em colocar um saco até a cintura e as crianças teriam que pular de uma ponta a outra da calçada, vencendo quem chegou primeiro e a corrida do ovo, onde as crianças levaram ovos em uma colher de metal por um pequeno percurso, vencendo quem concluisse o trajeto mais rápido e não derrubasse o ovo. Além destas atividades, houve ainda uma apresentação realizada pela turma do 2º ano “A”, que consistia em um desfile de profissões, cuja mediadora era a docente responsável pela turma.

A docente, antes de iniciar tal desfile, ressaltou a importância dos estudos para entrada no mercado de trabalho, salientando ainda que, aquelas crianças serão responsáveis pelo futuro do país e por manterem padrões de qualidade em serviços em diversas áreas, como saúde, educação, dentre outras. Iniciando em seguida o desfile.

Neste desfile, foram apresentadas as seguintes profissões: bailarina, professora, costureira, vaqueiro e jogador de futebol, como podemos verificar na fotografia anexada abaixo.

**Figura 1 – Desfile de profissões**



Fonte: Arquivo pessoal



Ao observar tal imagem, constata-se que as profissões apresentadas também seguem os modelos socialmente estabelecidos para meninas e meninos. As meninas representam profissões que ao longo da história foram atribuídas ao gênero feminino, como: costureira, professora e bailarina. Os meninos apresentam profissões consideradas masculinas, como: vaqueiro e jogador de futebol.

Esta fotografia foi utilizada para representar de que maneira a escola e o corpo que a conduz, produz, reproduz e retroalimenta padrões para meninas e meninos, destes as vestimentas, gostos, comportamentos e como retratada, a divisão social do trabalho. Neste sentido, compreendemos assim que, além das orientações tidas no presente, ações como estas, influenciam e garantem que estes padrões continuem a serem seguidos no futuro.

Diante disso, consideramos que as influências e orientações realizadas pela escola e família acontece durante toda a vida da criança, iniciando na infância, depois na adolescência e indo até a idade adulta, sendo produzidas, reproduzidas e retroalimentadas em todos os momentos na escola e na família.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o nascimento, meninas e meninos são orientados pela família e pelo meio social no qual convivem a manterem e seguirem uma série de padrões e papéis sociais construídos para homens e mulheres. Estes padrões têm como base os aspectos biológicos que cada criança possui, ou seja, de acordo com sua genitália. Sendo considerados como naturais e imutáveis através das formas de valorização e propagação por meio da cultura e das diferentes instituições.

Meninas e meninos, no ambiente escolar reproduzem padrões e estereótipos que culturalmente são considerados adequados para seu gênero, incluindo a oposição às coisas consideradas naturais para gênero oposto. Reforçados diariamente pelos pais, responsáveis, professores/as etc. Instituições como a escola, reforçam diariamente estereótipos e padrões que definem as condutas que meninas e meninos devem ter, essa defesa está caracterizada e se expressa de diversas formas, constituindo assim, em uma educação sexista.

Esta escola em todos os seus espaços dissemina uma educação sexista, sendo reforçada diariamente através da sua organização, retratando em murais e ilustrações, ideias e comportamentos referentes aos papéis sociais voltados para meninos e meninas.

As meninas são ilustradas e apresentadas como femininas, com uso de vestimentas como vestido e saia, utilizando a cor rosa como predominante, além de comportamentos como, meiga, carinhosa, vaidosa e organizada. Os meninos por outro lado, são representados como masculinos e usam vestimentas como camisas fechadas, shorts e calças longas, com a cor azul como predominante, e são associados a comportamentos como, desorganizados, agressivos e inquietos. Além da organização, o sexismo neste ambiente se constitui em ações e comportamentos de todos que compõem a escola, como gestão, docentes e não-docentes que ao se dirigirem a meninas e meninos impõe moldes para ambos os gêneros.

A escola reproduz e justifica diariamente os papéis sociais construídos acerca do feminino e do masculino, caracterizando-a assim, em uma instituição que defende e institui relações de poder, as reforçando e legitimando através das suas práticas. A forma como está organizada a instituição escolar, influencia diretamente a maneira como meninas e meninos se desenvolvem, brincam e se relacionam.

Na sala de aula, a educação sexista encontra-se visivelmente em todos os momentos desde a entrada em sala, na formação de grupos só de meninas e de meninos, no incentivo a participação nas atividades, chamando atenção e cobrando a participação efetiva somente das

meninas, nas reclamações destinadas as meninas por serem por “natureza” associadas a padrões de passivas e comportadas em sala de aula, assim como, o uso da linguagem masculina como padrão para se dirigir a todas/os e na organização de brincadeiras separadas para meninas e meninos, e na manutenção de comportamentos considerados como naturais para ambos.

As relações de gênero neste ambiente se constituem de acordo com os modelos e padrões estabelecidos para ambos os gêneros. A maneira que meninas e meninos se desenvolvem, formam grupos, brincam e convivem juntos são diferentes. As meninas tendem a formar grupos e brincarem juntos com outras meninas e os meninos da mesma forma, orientados por os moldes estabelecidos socialmente.

Apesar dos avanços relacionados às temáticas sobre gênero e sexualidade no meio social, assim como o reconhecimento do gênero como uma construção social, não há em qualquer momento discussões sobre gênero, relações de gênero ou sexualidade neste ambiente. Negando assim, a existência de diferenciações nos tratamentos de meninas e meninos e naturalizando os papéis sociais destinados para cada gênero. Este tipo de educação acaba impedindo que crianças e jovens construam de forma natural sua identidade e sigam gostos e comportamentos tidos como normais para cada gênero e que conseqüentemente, estes precisam seguir.

A falta de conhecimento sobre os conceitos sobre gênero, relações de gênero e sexismo, e o não aparecimento de discussões relacionadas a temáticas sobre gênero e relações de gênero refletem no ocultamento destes termos nos documentos oficiais que regem e normatizam a educação nacional como PNE (2014-2024) e BNCC (2017). Resultante da defesa de valores disseminados pelos cristãos e grupos conservadores, no campo religioso e política pela defesa da “família tradicional” e do patriarcado.

Nota-se que apesar de termos escolas mistas onde meninas e meninos estão alocados nos mesmo espaços, ainda assim, as relações entre estes diferem e são reforçadas de formas distintas na família, escola e sociedade. A escola mista, neste sentido, por si só não se constitui como eficaz na quebra de padrões e estereótipos de gênero que tratam distintamente meninas e meninos, necessitando assim, uma coeducação.

Apesar das conquistas alcançadas pelo movimento feminista e diversos grupos, em relação à abordagem sobre gênero e sexualidade na educação e políticas públicas, nota-se que ainda há um vasto caminho a ser percorrido em defesa da igualdade de direito para mulheres e

homens, além de uma educação igualitária para meninas e meninos. Permitindo assim, a construção da sua própria identidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. de; BARROS, A. N. de. Gênero e Educação: delimitação de espaços e construção de estereótipos. **Contrapontos** – v. 9 n. 2, p. 90 - 103 - Itajaí, mai/ago 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.

ARAÚJO, F. A. de. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicol. clin.** vol.17 no.2 Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>. Acesso em: 28 set. 2018.

ARAUJO, T. T. C; BEZERRA, B. D. G; FERREIRA, G. H. L. Educação sexista e suas influências na definição das brincadeiras infantis. **Revista Includere**. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/issue/view/185>. Acesso em: 20 out. 2019.

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASSEDAS, E; HUGUET, T; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Armed, 1999.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 10 jan. 2019.

CANCIANI, P. M. C; CANABARRO, I. dos S. **Sexismo institucionalizado no cotidiano: e educação em direitos humanos como mecanismo de transformação**. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:U3pCJDtng7gJ:https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/7365/6131+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 27 mar. 2019.

CARDOSO, O. da C. G. **Gênero e etnia: o que os documentos revelam sobre educação e diversidade**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Goiânia, 2018. 138f.

CARVALHO, M. E. P. de; ANDRADE, F. C. B. de; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual: um glossário**. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2009.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. 2. ed. -São Paulo: Atlas, 1985.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**, v. 14, n. 42, 2003, p.89-102.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Acabou a doutrinação de crianças e adolescentes, diz Damares em posse.** São Paulo – SP, 01/01/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/acabou-a-doutrinação-de-crianças-e-adolescentes-diz-damares-em-posse.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, E. C. de. PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

JOCA, A. M. **Diversidade sexual na escola:** um “problema” posto à mesa. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, CE: 2008.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 6 ed.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAROLA, P. P. **Gênero e Plano nacional de educação no Brasil:** educação para todos?. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Orientador: Carlos José Martins. Rio Claro, 2018.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. Tradução Ana Venite Fuzatto. São Paulo: moderna. Campinas-SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MÜLLER, F; DELGADO, A. C. Cool. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A Criança fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 141-157.

NASCIMENTO, A. C. de O. A influência da ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro. 1 Semestre de 2016 - n. 37, v. 14, p. 296 – 318.

PASSADOR, L. H. **Etnocentrismo, estereótipo e preconceito.** (2015) Disponível em: <http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/bibliotecavirtual/GDE/modI/Semana4.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

Poder 360. **Discurso de Damares Alves durante cerimônia de transmissão de cargo.** 2019. 30min 23 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZExRJAm7tA&t=3s>. Acesso em: 27 mar. 2019.

REIS, T; EGGER, E. **Ideologia de gênero:** uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 138, p.9-26, jan.-mar., 2017.

ROSENO, C. P.; SILVA, J. G. da F. Políticas públicas educacionais em gênero e diversidade sexual: atos de resistência diante do avanço do conservadorismo do movimento “Escola Sem Partido”. **Itinerarius Reflectionis**, v. 13, n. 2, p. 01-21, ago. 2017.

SCALA, J. **Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família**. *Zenit*. 31 jan. 2012. Disponível em: <https://pt.zenit.org/articles/ideologia-de-genero-neototalitarismoe-a-morte-da-fami-lia/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SCALA, J. **Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família**. 2. ed. Trad. Lyège Carvalho. São Paulo: Katechesis, 2015.

SCOLARI, A. P. Formação de professores plurais para uma sociedade Complexa. XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. **Anais Eletrônicos...** Curitiba. Pontifícia Universidade Católica Do Paraná Curitiba, 2013. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/7755\\_4528.pdf](https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/7755_4528.pdf). Acesso em: 20 fev. de 2019.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**. vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

SOUSA JUNIOR, P. R. A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o movimento LGBTTQIS. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito** | e-ISSN: 2525-9849 | Salvador | v. 4 | n. 1 | p. 1 – 21 | Jan/Jun. 2018.

SOUSA, Maciana de Freitas e. **A extinção da SECADI e o campo da Educação na conjuntura atual**. 17/01/2019. Disponível em: <http://www.justificando.com/2019/01/17/extincao-secadi-campo-educacao-conjuntura-atual/>. Acesso em 22 de nov. 2019.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos. 2018.

TORRAO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 24, p. 127-152, jun. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>. Acesso em 28 set. 2018.

VIANNA, C. P.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.

VIVAS, F. **‘Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã’, diz Damares ao assumir Direitos Humanos**. Brasília – DF. 02/01/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2019.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Roteiro de observação



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



### ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

**Turma:** \_\_\_\_\_ **Turno:** \_\_\_\_\_ **Nº de discentes:** \_\_\_\_\_

**Data da observação:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ **Nº da observação:** \_\_\_\_\_

#### 1 Pontos norteadores (o que iremos observar)

##### 1.1 A instituição escolar

- ✓ Fazer um mapeamento de todos espaços;
- ✓ Descrever com o máximo de detalhes: banheiros femininos e masculinos (como são, cores, organização), espaços ocupados (caso ocupem), como acontece a rotina dentro e fora da sala de aula, como são formados e compostos os grupos, no espaço escolar no geral, quais as cores que prevalecem, personagens (quais? Quem eles representam?), quais são os ideais? Como está colocado o sexismo? Entender o ambiente (como está colocado).
- ✓ Em qual contexto a escola está inserida;
- ✓ Quem frequenta esta instituição;
- ✓ Quantidade média de discentes matriculados anualmente? quantas meninas estão matriculadas? quantos meninos?
- ✓ Demarcar a escola, os espaços, o que contém neles?
- ✓ Como as crianças chegam na escola? Com quem? Quem é a maioria, mães, pais ou responsáveis?
- ✓ Quais os espaços ocupados pelas meninas?
- ✓ Quais os espaços ocupados pelos meninos?

##### 1.2 A sala de aula

- ✓ Fazer um mapa da sala de aula (onde cada aluno está);
- ✓ Apresentação dos alunos, conhecer os alunos, suas características, como a docente os caracterizam? O que ela destaca de cada um;



- ✓ Quais são as brincadeiras desenvolvidas, dentro e fora da sala de aula e nos intervalos;
- ✓ Qual local ocupado pelas meninas?
- ✓ Qual local ocupado pelos meninos?
- ✓ Onde ficam, quem senta na frente, no meio, atrás, perto da professora (meninas ou meninos);
- ✓ Quais sujeitos frequentam este ambiente (faixa etária, quantidade);
- ✓ Descrição destes sujeitos;
- ✓ Quais são os melhores alunos? Como cada um se desenvolve.
- ✓ Pensar na possibilidade de criar uma tabela com a definição exposta pela professora;
- ✓ Número de alunos: quantidade de crianças, faixa etária, nº de crianças do sexo masculino e feminino;
- ✓ Qual a relação entre as meninas e a docente?
- ✓ Qual a relação entre os meninos e a docente?
- ✓ Relação entre discentes e o meio escolar:
- ✓ Relação entre discentes e docentes;
- ✓ Situações do cotidiano da escola;
- ✓ Quais são as metodologias utilizadas pelo docente;
- ✓ Qual nível e participação dos discentes, quem participa mais;
- ✓ Desenvolvimento da atividade física, brincadeiras e jogos;
- ✓ De que forma o sexismo está presente;
- ✓ Como são as relações entre meninas e meninos na sala de aula;
- ✓ Meninas e meninos brincam juntos?
- ✓ Meninas e meninos são tratados da mesma maneira?
- ✓ Como são as brincadeiras realizadas pelas meninas e pelos meninos?
- ✓ Quais são os discursos proferidos em sala de aula para meninas e meninos?
- ✓ De que maneira ocorrem as relações entre meninas e meninos nesta sala de aula?
- ✓ Existe alguns conflitos? como? por que?
- ✓ Quais as metodologias aplicadas nas aulas?
- ✓ Como acontece a mediação nestas aulas?

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ N° da entrevista: \_\_\_\_\_

#### 1. Perguntas introdutórias:

- ✓ Qual sua formação?
- ✓ A quanto tempo está responsável por esta sala de aula?

#### 1.1 Sala de aula

- ✓ Como você trata os meninos?
- ✓ Como você trata as meninas?
- ✓ Em sua opinião, existe alguma diferenciação na maneira que meninas e meninos são tratados nesta instituição?
- ✓ Para você, quais são os melhores alunos da turma, porque? Como cada um se desenvolve?
- ✓ Para você o que é gênero?
- ✓ Nesta sala de aula você já vivenciou algum conflito, violência e desrespeito acentuados pelas diferenças de gênero?
- ✓ O que você entende por sexismo?
- ✓ Como você compreende a educação sexista?
- ✓ Em sua opinião acontece na escola?
- ✓ Em situação de desigualdade tendo como base o gênero da criança, quais as medidas tomadas nestas situações pela gestão da escola?
- ✓ O que seria uma educação baseada em padrões?
- ✓ Como você considera que existem padrões de comportamento para meninas e meninos? se sim, por que isso acontece?
- ✓ Estes padrões impostos pela sociedade influenciam na educação? se sim, de que maneira?
- ✓ Pra você, é importante as discussões de gênero na escola?

- ✓ Existe igualdade de gênero na escola?
- ✓ A escola desenvolve uma educação igualitária e justa ou reproduz estes padrões e discursos advindos da sociedade e família?
- ✓ Qual a importância dessa igualdade na escola e para a escola?
- ✓ A família tem alguma influência na educação desenvolvida pela instituição escolar?
- ✓ Para você que é ideologia de gênero?
- ✓ Sexo biológico define algo?
- ✓ A escola desenvolve alguma atividade visando a igualdade de gênero? se sim, como? se não, por que, quais dificuldades enfrentadas?
- ✓ Qual seu posicionamento diante dessas dificuldades?
- ✓ Existe algum incentivo ou algum tipo de resistência por parte da gestão escolar para trabalhar as questões de gênero na escola e na sala de aula?
- ✓ Durante as aulas de educação física acontece alguma restrição baseadas nas relações de gênero, se sim, em sua opinião, por que acontece?
- ✓ De que forma pode ser desenvolvidas atividades relacionadas às relações de gênero nas aulas de Educação Física?

## APENDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TALE

(Conforme Resolução do CNS/ No. 466/2012).

Você menor está sendo convidado(a) a participar(a) como voluntário(a) no estudo **SEXISMO NO AMBIENTE ESCOLAR: PROBLEMÁTICAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES**, realizado pela discente Maria Dayanny Goncalves, coordenado pela docente Kássia Mota de Sousa e vinculada a Unidade Acadêmica de Educação (UAE), no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras-PB.

Sua participação é voluntária e não terá nenhum custo, podendo desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **Compreender de que forma a educação sexista se constitui nas relações de gênero no ambiente escolar** e se faz necessário pela **necessidade de compreender como o sexismo está presente na escola atualmente**. A educação sexista existente em diversas instituições escolares, tem como base a reprodução de papéis sociais designados para cada gênero, caracterizando nas relações de gênero a exclusão, agressões verbais e a falta de respeito em brincadeiras, jogos e atividades, com meninas e meninos. **Compreender como tais situações acontecem é um primeiro passo em direção a igualdade de gênero e a desconstrução de tais estereótipos**. Vale ressaltar que, este termo foi elaborado de acordo com a Resolução do CNS/ No. 466/2012.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **ser observado no ambiente escolar**.

Os riscos possíveis envolvidos com sua participação na pesquisa são de constrangimento pelo voluntário, neste sentido, para minimizarmos a possibilidade de risco de constrangimento adotaremos as seguintes estratégias: **1) todos os passos da pesquisa serão explicados aos responsáveis pelos menores e a(o) docente da turma, bem como, a toda equipe escolar; 2) a participação é voluntária e a(o) participante não será obrigada(o) a realizar nenhuma**

atividade, sendo livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sendo assim, será explicado aos participantes de que forma esta irá acontecer; 3) os pesquisadores irão tratar da identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. Os participantes não serão citado(a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que os identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: **auxiliar e contribuir com a prática e estudos de discentes e docentes, visando à melhoria da qualidade no processo de ensino-aprendizagem na educação básica mediante discussões, problemáticas e possibilidades para abordar as relações de gênero e diversidade no ambiente escolar, bem como, a inclusão de discentes por meio do desenvolvimento de práticas inclusivas neste âmbito.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você deverá buscar indenização.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Profª. Dra. Kássia Mota de Sousa** ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP/HUAC/UFCG cujos dados para contato estão especificados logo mais abaixo. Assim, após a assinatura fica registrado sua permissão e o consentimento para realização desta pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_,

declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e

concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Lavras da Mangabeira - CE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Responsável Legal

---

Assinatura da Pesquisadora(o)

---

Assinatura da Coordenadora da pesquisa

#### **Contatos da pesquisa:**

#### **DADOS PARA CONTATO COM A COORDENADORA DA PESQUISA**

**Nome:** Kássia Mota de Sousa

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**Endereço:**

**Telefone:** (85) 98689-4236

**Email:** [kassiamota@gmail.com](mailto:kassiamota@gmail.com)

#### **DADOS PARA CONTATO COM A DISCENTE PESQUISADORA**

**Nome:** Maria Dayanny Goncalves

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**Endereço:** Rua Frei Damião, nº 065.      **Cidade:** Lavras da Mangabeira-Ce

**Telefone:** (88) 9.9641-2931

**Email:** [dayannygoncalvess@gmail.com](mailto:dayannygoncalvess@gmail.com)

#### **DADOS DO CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - CEP-HUAC**  
**Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, Bairro São José, Campina Grande – PB, CEP: 58401 - 490.**

**Telefone:** (83) 2101 - 5545

**Email:** [cep@huac.ufcg.edu.br](mailto:cep@huac.ufcg.edu.br)

**Site:** <https://cephuac-ufcg.wixsite.com/cephuac-ufcg>

## APENDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

(Conforme Resolução do CNS/ No. 466/2012).

**Caro (a) docente,**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) no estudo **Sexismo no ambiente escolar: problemáticas, desafios e possibilidades**, realizado pela discente Maria Dayanny Goncalves, coordenada pelo docente Kássia Mota de Sousa vinculada a Unidade Acadêmica de Educação (UAE), no Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras-PB.

Sua participação é voluntária e não terá nenhum custo, podendo desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **Compreender de que forma a educação sexista se constitui nas relações de gênero no ambiente escolar** e se faz necessário pela **necessidade de compreender como o sexismo está presente na escola atualmente. A educação sexista existente em diversas instituições escolares, tem como base a reprodução de papéis sociais designados para cada gênero, caracterizando nas relações de gênero a exclusão, agressões verbais e a falta de respeito em brincadeiras, jogos e atividades, com meninas e meninos. Compreender como tais situações acontecem é um primeiro passo em direção a igualdade de gênero e a desconstrução de tais estereótipos.** Vale ressaltar que, este termo foi elaborado de acordo com a Resolução do CNS/ No. 466/2012.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **responder a entrevistas semi-estruturadas, que serão realizadas de forma simples e direta, mediadas por um roteiro e preferencialmente devem ser gravadas, dependendo da escolha do voluntário.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **Considerando os diversos tipos de riscos na qual todas as pesquisas com seres humanos envolvem, serão utilizadas as**

seguintes estratégias: 1) para evitar desconfortos relacionados ao tempo de duração da entrevista a ser realizada com o(a) docente, a entrevista será realizada de acordo com o tempo disponível do(a) docente e no local e data escolhidos pelo mesmo(a); 2) todo e qualquer dano que venha a acontecer devido a realização da pesquisa será de responsabilidades dos pesquisadores, sendo assim, serão disponibilizados os contatos dos pesquisadores e do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP/HUAC) para qualquer eventualidade; 3) a sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda para si ou para instituição escolar; 4) os pesquisadores irão tratar da identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. Os participantes não serão citado(a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que os identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: **auxiliar e contribuir com a prática e estudos de discentes e docentes, visando à melhoria da qualidade no processo de ensino-aprendizagem na educação básica mediante discussões, problemáticas e possibilidades para abordar as relações de gênero no ambiente escolar, bem como, a inclusão de discentes por meio do desenvolvimento de práticas inclusivas neste âmbito.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Caso o participante tenha algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Após a assinatura, você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kássia Mota de Sousa** ao **Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/HUAC/UFCEG** cujos dados para contato estão especificados logo mais abaixo. Assim, após a assinatura fica registrado sua permissão e o consentimento para realização desta pesquisa.



Eu, \_\_\_\_\_,  
 declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo. Estou ciente e acuso recebimento de uma cópia deste documento.

Lavras da Mangabeira-CE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do(a) entrevistado(a)

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Pesquisadora(o)

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Coordenadora da pesquisa

#### **Contatos da pesquisa:**

#### **DADOS PARA CONTATO COM A COORDENADORA DA PESQUISA**

**Nome:** Kássia Mota de Sousa

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**Endereço:**

**Telefone:** (85) 98689-4236

**Email:** [kassiamota@gmail.com](mailto:kassiamota@gmail.com)

#### **DADOS PARA CONTATO COM A DISCENTE PESQUISADORA**

**Nome:** Maria Dayanny Goncalves

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**Endereço:** Rua Frei Damião, nº 065.      **Cidade:** Lavras da Mangabeira-Ce

**Telefone:** (88) 9.9641-2931

**Email:** [dayannygoncalvess@gmail.com](mailto:dayannygoncalvess@gmail.com)

#### **DADOS DO CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - CEP-HUAC**  
**Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, Bairro São José, Campina Grande – PB, CEP: 58401 - 490.**  
**Telefone: (83) 2101 - 5545**

**Email:** [cep@huac.ufcg.edu.br](mailto:cep@huac.ufcg.edu.br)

**Site:** <https://cephuac-ufcg.wixsite.com/cephuac-ufcg>